

revista

Insolente

ANO VI - Nº 07 - 12 DE MARÇO DE 2018 - EDIÇÃO ESPECIAL
ISSN 2238-1414



**Lutar contra a pedagogia da
sexualidade heteronormativa**



Editorial

“Afinal, pelo que realmente vale a pena lutar nesta vida?” Essa foi a nossa pergunta. E a acolhida que recebeu expressou algo que, desde a concepção do tema, nos motivou: há momentos em que se faz necessário pararmos para refletir sobre os caminhos que temos “feito ao andar”, como diria Antonio Machado, poeta sevilhano. Talvez até para chegarmos ao que disse Drummond em “O lutador”: “Lutar com palavras/ É a luta mais vã/ Entanto lutamos/ Mal rompe a manhã”.

Os textos que recebemos contêm vieses dos mais distintos. Nem seria necessário dizer, de forma geral, que é válido e fundamental lutar pelo amor. No entanto, quando nos fazemos essa pergunta, de repente constatamos que andamos “amando” coisas, perseguindo reconhecimentos efêmeros, disputando prestígios que nos afastam do próprio sentido do amor. Ou seja, às vezes é fundamental sair do plano da generalização sobre o amor que deve ou deveria guiar a Humanidade, para pensarmos e, no caso, escrevermos, sobre como, com quem e em que circunstância têm se dado nossas lutas nesta vida. Nesse sentido, justamente por serem diversificados, os textos que aqui apresentamos certamente farão com que tenhamos outras ideias, além daquelas que brotam naturalmente em cada um/a de nós quando o tema é colocado.

A *Revista Barbante*, como sempre, nesta edição especial de aniversário que comemora seus 6 anos de existência, vem dividida em seções: Artigos, Poemas, Cordel, Crônicas, Contos, Fotopoemas, Ensaios e Resenhas.

Não tiraremos a surpresa de cada abordagem ou de cada resposta à pergunta feita. Assim, apenas agradecemos os **ARTIGOS** de Alexandre de Oliveira Fernandes; Juliana Ribeiro Carvalho e Christina Ramalho; Simône Gomes dos Santos e Fabio Mario da Silva; os **POEMAS** de Aglacy Mary, Ana Moura, Andrewcdf, Clécia Santos, Elvira Pereira de Araújo, Éverton Santos, Evilásio Celestino, Fabio M. Silva, Leonardo Bezerra, Leunira Batista Santos

Sousa, Luiz Otávio Oliani, Marcello Moura, Paula Belmino, Samuel de Mattos, Simône Gomes dos Santos; o **CORDEL** de Rosa Regis; os **CONTOS** de Aglacy Mary, Máira Estela Santos; os **CONTOS INFANTIS** de Rosângela Trajano e Paula Belmino; as **CRÔNICAS** de Aglacy Mary, Cristina Monteiro, Glória Góes, Lidiane Almeida Silva, Marcelo de Oliveira Souza, Mirtes Veiga, Rejane Souza, Simone Caputo Gomes e José de Castro; o **FOTOPOEMA** de Clécia Santos; e, por fim, as **RESENHAS** de Christina Ramalho e Eliana Luiza dos Santos Barros. Todos vocês compõem o bolo deste aniversário!

As ilustrações que compõem esta edição são de Christina Ramalho e buscam inserir, também no campo da imagem, respostas possíveis. Uma resposta, contudo, adiantaremos aqui: vale muito a pena lutar pela Barbante, esse espaço democrático, aberto e livre, por onde circulam textos dos mais diversos gêneros, a partir de uma única proposta básica: dar vez e voz ao deleite da escrita e da leitura.

Boas leituras!

As editoras



Artigos

LUTAR CONTRA A PEDAGOGIA DA SEXUALIDADE HETERONORMATIVA

Alexandre de Oliveira Fernandes
(Alexandre Osaniyyi)

Resumo:

Sempre “exagerado”, Cazuza cantou com sua voz um tanto rouca e uma língua deliciosamente presa: “Por que que a gente é assim”? Desde o *Rock in Rio* de 1995, pelo menos, tal questão colocada pelo artista povoa mentalidades. Esta é uma questão que se coloca para mim diariamente, especialmente nos espaços para reflexão sobre a prática docente e sobre a pedagogia que se desenvolve na escola. Não tenho dúvidas de que a escola, enquanto instituição, tenta pelos mais diversos métodos pedagógicos configurar o “modo como se é”, dentro de categorias existentes de poder. Na escola meninos masculinos e meninas femininas são criados por meio de instrumentos de normalização, uma *tekné* de criar pessoas “normais” segundo uma heteronormatividade compulsória. Esta ação escolar é perigosamente antidemocrática porque esconde outras formas de ser, além do que veicula pressupostos ideológicos que oprimem grupos sociais marginalizados e justifica desigualdades. Lutar pelo que então? Por uma escola mais inclusiva e que conviva democraticamente com a diferença de gênero.

I. Lutar na escola: um território em disputa

O que chamo de escola aqui é resultado de uma negociação complexa, atravessada por embates que remontam à colonização, à neocolonização, o poder das religiões judaico-cristãs em um país continental como o Brasil. O que se faz nela (e com ela) gera e constitui “efeitos de verdade”. Ela é lugar em que jogos de verdade, um conjunto de regras de produção da verdade, um conjunto de procedimentos, conduzem a um determinado resultado (FOUCAULT, 1988); é espaço para onde se enviam as crianças e os adolescentes; espaço no qual se luta e pelo qual se luta; espaço em que se marcam os corpos dos sujeitos.

Não à toa debates acirrados em torno das questões da sexualidade e de como esta deve ser tratada dentro dos muros da escola, tem lugar dentro e fora dos muros escolares. A escola tal qual a compreendo é marcada por estruturas, construídas, negociadas, dentro de organizações heteronormativas (supostamente laicas), que são por si só construções discursivas materializadas por meio de uma repetição, vigília, punição, controle incessante de seu discurso. Trata-se de espaço violento e que violenta, *locus* em que um violento mecanismo de aquietamento e dominação simbólica é colocado em prática por aqueles que deveriam ensinar a viver na diferença (JUNQUEIRA, 2009).

Se atentarmos para a forma agressiva que a disputa em torno da inclusão ou não de expressões como “gênero”, “identidade de gênero” e “diversidade sexual” no Plano Nacional de Educação (PNE) 2014 - 2024, nos planos estaduais e municipais, tomou nos parlamentos em todo o Brasil, poderemos compreender melhor a questão.

O inciso III do artigo 2º da lei aprovada e sancionada pela Presidência da República – Lei 13.005, de 25 de junho de 2014¹ – explicitava ser diretriz do Plano Nacional de Educação – PNE, a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual, consoante com a Estratégia 3.12 da Meta 3, a saber, implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito e discriminação racial, por orientação sexual ou identidade de gênero, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão.

1 Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm.

Contudo, o Senado Federal rebateu a proposta que lhe fora enviada pela Câmara dos Deputados, reescrevendo o inciso III do artigo 2º. As expressões “promoção da igualdade racial”, “gênero” “orientação sexual” foram suprimidas, sendo reescrita a diretriz, a saber, superar as desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação.

A Estratégia 3.12 da Meta 3, renumerada para 3.13, ficou assim pontuada, implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito ou quaisquer formas de discriminação, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão (BRASIL, 2014). Devolvido o projeto à Câmara dos Deputados, o substitutivo do Senado foi preservado.

As lutas, que denunciam ser a escola um território em disputa, prosseguiram mesmo após a aprovação do Plano Nacional de Educação. Utilizando-se da tribuna da Câmara dos Deputados em 23 de Junho de 2015, o deputado Jair Bolsonaro (PSC/RJ) interessado em questionar o que chamou de “canalhice do PT” que tentou, via MEC solicitar às secretarias municipais de educação do país que propusessem em seus planos a discussão de gênero, afirmou:

o PT quer transformar criancinhas de 5, 6, 7 anos em homossexuais e escancarar as portas para a pedofilia. (...) um homem e uma mulher se transforma (sic) quando tem um filho, um homem não quer chegar em casa e ver seu filho brincando de boneca por ter sido orientado nas escolas, escola onde Dilma Rousseff e o PT quer (sic) através da canalhice, transformar num bordel homoafetivo².

Religiosos de grupos diversos, católicos, pentecostais, neopentecostais também têm se esmerado em protestar contra o que chamam de perigo da “ideologia de gênero” na educação, a qual se basearia no homossexualismo, atitude antinatural, no incesto, na pedofilia e na destruição da família.

Como forma de ilustrar o que chamam de “ideologia de gênero”, destaco parte de um texto assinado pelo Padre Luiz Carlos Lodi da Cruz, presidente do Pró-Vida de Anápolis, GO, em sítio da internet criado para lutar dentre outros, contra o aborto e em favor família,

A ideologia de gênero pretende, porém, obrigar as crianças a aceitar com naturalidade aquilo que é antinatural. Tal ideologia distingue o *sexo*, que é um dado biológico, do *gênero*, que é uma mera construção social. *Gêneros*, segundo essa doutrina, são *papéis atribuídos pela sociedade a cada sexo*. Se as meninas brincam de boneca, não é porque tenham vocação natural à maternidade, mas por simples *convenção social*. Embora só as mulheres possam ficar grávidas e amamentar as crianças e embora o choro do recém-nascido estimule a produção do leite materno, a ideologia de gênero insiste em dizer que a função de cuidar de bebês foi *arbitrariamente* atribuída às mulheres. E mais: se as mulheres só se casam com homens e os homens só se casam com mulheres, isso não se deve a uma lei da natureza, mas a uma imposição da sociedade (a “*heteronormatividade*”). O papel (*gênero*) de mãe e esposa que a sociedade impôs à mulher pode ser “*desconstruído*” quando ela decide, por exemplo, fazer um aborto ou “casar-se” com outra mulher³.

O padre chega a afirmar textualmente que “é a própria família brasileira que está em jogo”, logo, não se devendo aceitar a “ideologia de gênero” tal qual se apresentou no projeto de Lei 8035/2010⁴. Este

2 Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=ED38BZXcV9c>.

3 Cf. <http://www.providaanapolis.org.br/index.php/todos-os-artigos/item/428-o-perigo-do-genero-em-educacao>.

4 Esta Lei aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio 2011-2020, o qual recebeu o

projeto foi substituído pelo PLC 103/2012 que eliminou “toda essa linguagem ideológica” – cito o Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz – e, de volta à Câmara, “o projeto agora enfrenta a fúria dos deputados do PT e seus aliados, que pretendem retirar os ‘valores éticos e morais’ e reintroduzir o ‘gênero’ no PNE, a fim de dar uma base legal à ideologia que o governo já vem ensinando nas escolas”.

O texto assinado pelo “religioso”, a ação de pastores deputados, os discursos emanados por deputados como Jair Bolsonaro, prestam-se a convocar a família contra o que chamam de perversão sexual, extinção da família, domínio de regimes totalitários, perda do controle dos pais sobre a educação dos filhos.

Nos termos de Michel Foucault, a escola acaba por produzir corpos dóceis e disciplinados, cujas subjetividades são capturadas. Por outro lado, para Foucault onde há poder há resistência, fissuras, deslizos, engendramentos diversos e dissonantes. Logo, tomar a escola como instituição disciplinar implica em compreender que mecanismos antagônicos e contraditórios atuam na produção de subjetividades, ao mesmo tempo em que somos convocados a lutar “contra” ela.

II. Lutar contra a abjeção à diferença: a escola como espaço hostil

A escola tem se demonstrado uma instituição que tenta conter os desejos, manter o fluxo constante da vida e controlar a complexidade da existência. Há uma imagem imaculada do ambiente escolar que deve ser questionada por ser mentirosa e perigosa, haja vista que permite a perpetuação dos dispositivos que discriminam simbólica e materialmente as pessoas, além de limitar o papel criativo da educação.

Na escola, confinados às gozações e aos insultos, jovens gays são levados a se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos. Na escola – “sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém ‘assuma’ sua condição de homossexual ou bissexual” (LOURO, 2000, p. 30) – é importante posicionar-se contra a homofobia (e, evidentemente contra outras formas de agressão), favorecendo pedagogias e práticas que balancem as estruturas heteronormativas, as quais há tanto tempo tem servido a um mecanismo de reprodução desigual de forças.

Diversos pesquisadores concordam que a escola é um espaço bastante hostil para estudantes homoafetivos (LOURO, 2001; CAETANO e RANGEL, 2003), um lugar em que os sujeitos homossexuais não são perseguidos exatamente pelo “fazem”, mas simplesmente pelo que “são”: pessoas homossexuais.

Na escola os corpos dos meninos e das meninas são assujeitados e a subjetividade lhes é formada. Ela, a escola não passa ao largo de sistemas de poder e das maneiras como são negociados o conhecimento, o saber, a tecnologia, a manutenção do poder por indivíduos em contextos locais. De modo que está atrelada às questões de ideologias, identidades em disputas e práticas socioculturais abrangentes.

Concordo com Guacira Lopes Louro (2013, p.61), “a escola entende de diferenças”, aliás, ela as produz, reiterando identidades e práticas hegemônicas ao passo que subordina, silencia, reclusa outras experiências. Entre o consentimento, o silenciamento e o ensino, a escola produz distinções, amplia desigualdades e não favorece a democracia.

Não apenas isto, mas a escola denota uma cosmovisão patriarcal implicada na formação de uma masculinidade, cuja identidade é supostamente fixa e estável, ignorando que não há possibilidades de existência para um referente puro. A masculinidade ensinada na escola, que se quer autorreferente, procura se esquecer de que as palavras e as coisas só adquirem significado em relação com outras palavras e outras coisas, numa cadeia infinda de significações e transportes de sentido. Romper com o essencialismo heteronormativo é uma estratégia política, que encontra lastro nos estudos feministas e *queer* a justificar e embasar o presente estudo,

haja vista que este se posiciona contrário à fobia dos corpos e à violência que incide sobre aqueles que se desviam das normas.

Ainda mais importante é ter uma mirada que coloque em prática projetos políticos de transformação. Conforme se aprende com Ochy Curiel (2003, p. 5),

es más importante ser antirracista que orgullosamente negra, creo que es más importante ser feminista que reconocernos mujeres, creo que es más importante eliminar el régimen de la heterosexualidad, que ser lesbiana, creo que lo importante son los proyectos políticos de transformación [...].

É fundamental colocar em causa a estrutura em que se assenta a homofobia, a pobreza, a xenofobia, assumindo radicalmente ações que identifiquem nossos combatentes. Não está posto exaltar a identidade gay, mas construir outra sociedade, que nasce da utopia em que se pode viver e conviver na diferença, contrariando o “teatrinho escolar”.

Logo, se por um lado não é caminho produtivo culpabilizar a escola e os atores escolares, por outro, é necessário aventar reformulação dos currículos e das metodologias empregadas. Ora, não é fundamental que a escola reconheça a multiplicidade e a dinâmica das construções identitárias? Não é importante corroer as amarras das economias lineares que formam os corpos? Não é questão pulsante colocar sob suspeita os binarismos e a falsa moralidade? Ora, vivemos um tempo em que figuras se desmancham, outras se embaçam e desbotam. Os gêneros e as identidades se embaralham e não são dados ao estanque senão à arritmia. Tudo muda em um piscar de olhos, delineando uma lógica das multiplicidades e dos devires rizomáticos. Estamos bem distantes dos binarismos e da segurança do Pai. Não há porto seguro ou narrativa mestra em que se possa repousar.

O que cabe à escola é travar uma luta contra a redução das subjetividades e dos desejos, isso implica em posicionar-se a favor da vida, das multiplicidades, dos atravessamentos e das incertezas, longe da visão rasa e simplista assegurada pelos pares de opostos. Se “pedagogia”, como quer Tomaz Tadeu da Silva (2000) é “diferença”, em certo sentido, multiplicar identidades, fazê-las transbordar se coaduna com não se limitar a produzir mais do mesmo, em não dominar o outro na mesmidade, levantando a barra que divide os opostos com vistas a fortalecer vínculos para um mundo em movimento e vivo.

Trata-se de lutar por uma sociedade sem racismo, sem sexismo e sem classes. Implicados não a uma luta por direitos de gays, lésbicas e trans a serem bem tratados ou acolhidos na escola, cujas necessidades primárias são óbvias. Em questão está a reestruturação da sociedade, um permanente desafio às formas do capitalismo e do patriarcado. Esta reestruturação tem a ver com “o que se faz” na escola.

É importante compreender que os preconceitos não apenas agridem o intelecto, a psiquê e a subjetividade, mas que estruturam mecanismos de opressão e vilipêndio. Cabe desconstruir o caráter aparentemente natural da oposição binária homem/mulher, heterossexual/homossexual, implodindo os opostos e sua lógica hierárquica de dominação/submissão sob a marca da diferença. Na perspectiva da diferença, a lógica binária homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, constringida perde a força. Outro espaço de significação se impõe ao se trabalhar com esta perspectiva porque aponta para a resistência, a tradução, a colaboração, a fricção, a rasura, as quais geram sentidos e significados disseminados, e não apenas para os pares de opostos colocados na diversidade como se estes fossem independentes e tivessem sido criados *ex nihilo nihil*, ou seja, do nada.

III. Há espaço para a luta: problematizar a escola

Como a escola expressa sua cosmovisão sobre o mundo? É ela masculina? Paternalista? Será que valoriza a separação entre sujeito e objeto, domínio e controle, racionalidade e lógica em detrimento dos afetos e dos sentimentos, incentiva a competição e o individualismo? Como forma a escola a masculinidade? A masculinidade acolhida (“escolhida” ou compulsória para todos os meninos) na escola expõe a feminilidade (compulsória para todas as meninas) nos alunos e nas alunas? Como “faz” a escola um homem? Como “faz” a escola uma mulher? Como estas questões estão atreladas à “geopolítica do conhecimento”, ao “corpo-política do conhecimento” e a um currículo assentado sobre a formação do masculino, com vistas a privilegiar o poder que os homens historicamente detêm na sociedade? Por que determinados saberes sobre a sexualidade – identidades trans, homoafetivas, outras formas de família –, não entram ou tem sua entrada dificultada na escola? Como a escola lida com identidades sexuais?

Estas questões se aliam a um pensamento que coloca em suspenso e sob suspeita as hierarquias e as identidades bem marcadas com as quais se sustentam e justificam, preconceitos e desigualdades, girando em torno de um mapa epistêmico que cerca o Globo, as questões do capital e o neoliberalismo político/econômico. Em outros termos, importa também uma questão freireana fundamental: o que “significa” conhecer? Mas que se desdobrando em um pensamento *queer* (LOURO, 2000), esse “estranho”, tenta saber: “o que torna algo pensável?”. O que torna “algo” pensável na escola? Por que questões de gênero devem ser excluídas da escola?

Lembro que vários vereadores, deputados e senadores se posicionaram contra discussões de gênero nas escolas, impedindo e/ou inviabilizando que os projetos educacionais dos municípios e estados fossem mais acolhedores com outras formas de se tratar os desejos.

Por que certos saberes devem/são excluídos da escola? Que outras aberturas epistêmicas podem se apresentar no currículo escolar – entendido aqui como um campo cultural de embates e jogos de poder, instância de produção e circulação de discursos, na qual lutas são travadas em torno do poder de representar os sujeitos, dando-lhes inteligibilidade e o seu contrário, a anormalidade –, desarticulando a colonialidade do poder e a heteronormatividade compulsória? Que papel tem as relações de gênero com este processo? Em que aspectos se situa uma educação autocrítica sobre os processos que produzem e desestabilizam categorias de identidade, cuja materialidade é constituída discursiva/culturalmente nos corpos dos alunos e dos atores escolares? Como se dá a produção normativa diária de corpos e posições de sujeito meninos-alunos em um currículo escolar?

Estas problematizações implicam na tarefa de um pensamento crítico por oposição à história dos comportamentos e da pedagogia ou das representações, qual seja, intentam “problematizar” aquilo em que a escola nos torna – “por que que a gente é assim? –, inserida no mundo em que ela/nós vivemos. Assim, não se deve buscar responder de modo simplista às questões, mas refletir sobre estes problemas, deslocando-os, invertendo-os, com vistas a pensar como os sujeitos são produzidos na e por meio da educação, como podem e devem ser pensados, olhando também as “práticas” a partir das quais essas “problematizações” se formam.

O currículo escolar não pode ser compreendido e reelaborado sem que sejam feitas perguntas problemas, ou perguntas bombas como quisera Friedrich Nietzsche, sobre suas conexões com o poder, quais sejam, a estrutura da sociedade, as hierarquias, o conhecimento, a divisão do saber, o privilégio e a detenção da representação. Por outro lado, a escola com seu currículo não é apenas espaço para dominação e controle, pois bem, entendo que há espaço para a subversão, oposição, resistência e para a plasticidade de vidas, cujas identificações não se limitam a reforçar as estruturas de poder existentes. Há, enfim, espaço para lutas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 1988. v. 1.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Aqui não temos gays nem lésbicas”: estratégias discursivas de agentes públicos ante medidas de promoção do reconhecimento da diversidade sexual nas escolas. *Bagoas*. n. 04, 2009, p. 171-189.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul./dez. 2000.

CAETANO, Márcio. RANGEL, Mary. Os excluídos das representações da exclusão. **I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais**. Uerj, Rio de Janeiro, 2003.

CURIEL, Ochy. La lucha política desde las mujeres. In: CURIEL, Ochy. **Red de mujeres afrolatinoamericanas y afrocaribeñas: aproximación al análisis de estrategias frente al racismo**. 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

**QUANTO TEMPO O TEMPO TEM?
O POEMA NAS FRONTEIRAS DO TEMPO**

OU

VALE LUTAR PELA POESIA E SEU PODER DE TRANSGREDIR AS AMARRAS DO TEMPO

Christina Bielinski Ramalho

Juliana Ribeiro Carvalho

Resumo

Breve reflexão sobre as relações entre o fazer poético e o tempo, estendendo a questão à contemplação lírica da realidade social a partir da abordagem a duas produções poéticas espacial e esteticamente distanciadas, a de Olavo Bilac e *Quixote, tango e foxtrote*, de 1975, e outros poemas de Neide Archanjo. A fundamentação teórica que sustenta essa busca por respostas possíveis ao questionamento que surge desse triplo confronto entre o fazer poético, o tempo e a realidade social nos vem de Giorgio Agamben e seus famosos capítulos de *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* (2009), que versam sobre os conceitos de “dispositivo” e de “contemporâneo”, e o antológico texto do brasileiro Antonio Candido, “O direito à literatura”, e sua abordagem ao que ele chama de “poesia empenhada”. O objetivo maior é mostrar que é preciso inverter algumas lógicas do tempo para melhor compreender o exercício da criação lírica.

Palavras-chave: contemporaneidade; dispositivo; Neide Archanjo; poesia brasileira.

É preciso ter coragem
para ser contemporâneo.
Sentir a vida fincada em nós
como os caibros de uma cerca
magicamente pedindo
que cada um reescreva
o seu próprio caminho.
(ARCHANJO, 2004, p. 355)

A pergunta proposta pela *Revista Barbante*, “Afiml, pelo que realmente se vale a pena lutar nesta vida?” nos instigou a enviar este artigo como contribuição. Nele, e principalmente nos versos dos poema de Neide Archanjo, intitulado “As horas pequenas”, citado e comentado mais adiante, parece residir uma das

respostas possíveis: Vale a pena lutar pela poesia e por seu direito de transgredir as amarras do tempo e falar do é preciso falar para valorizar o sentido do “humano” em épocas tão corrosivas!

Com esses versos de Neide Archanjo, extraídos da antologia *Todas as horas e antes* (2004), mas também partes integrantes da obra *Quixote, tango e foxtrote*, de 1975, iniciamos uma breve reflexão sobre as relações entre o fazer poético e o tempo, estendendo a questão à contemplação lírica da realidade social. E a fundamentação teórica que sustentará essa busca por respostas possíveis ao questionamento que surge desse triplo confronto nos vem de Giorgio Agamben e seus famosos capítulos de *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* (2009), que versam sobre os conceitos de “dispositivo” e de “contemporâneo”, e do clássico texto do crítico, sociológico e historiador da Literatura Brasileira Antonio Candido, “O direito à literatura”, e sua abordagem ao que ele chama de “poesia empenhada”.

Tomando a contemporaneidade como uma “vara fincada em nós/como os caibros de uma cerca” a pedir que reescrevamos nossos próprios caminhos, a voz poética sugere a paradoxal natureza do “ser contemporâneo”: estar amarrado no próprio tempo e, no entanto, ter o desafio de desatar nós e criar caminhos. Confrontemos esses versos com a primeira definição de “ser contemporâneo” que Giorgio Agamben nos apresenta:

Pertence verdadeiramente a seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatural; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e aprender o seu tempo (2009, p. 58-59).

A imagem trazida pelo poema de Archanjo, sugestivamente inaugurada com a afirmação “É preciso ter coragem/para ser contemporâneo”, pode muito bem ilustrar o que afirma Agamben, visto que a tensão entre a inércia do “estar fincado” e o convite ao movimento ditado pela pulsão de reescrever o próprio caminho retratam uma situação de incongruência entre o ser e seu tempo. O tempo concreto, o tempo do cronômetro, é, ao mesmo tempo, o caibro preso à terra e o desejo vital de sair da inércia, em busca de fazer a vida caminhar.

O “anacronismo” apresentado por Agamben e também por ele contraposto à “dissociação” reside no que no caibro é o passado de que é feito o presente. Somos, continuamente, anacrônicos, porque estamos eternamente presos a um presente que todo o tempo é passado. De outro lado, ao ansiarmos pela construção do caminho, dissociamo-nos dessa prisão anacrônica para projetarmos o presente no futuro. A “coragem” reside na disposição para estar nesse “entre-lugar”, desconfortável por não ser nem cerca nem caminho.

Tomando como base um poema de Osip Mandelstam, Agamben reconhece que o poeta, em sua criação lírica, capta, por meio da imagem do “dorso quebrado”, essa tensão inerente ao “ser contemporâneo”. Por

associação, é fácil retomar a ideia dos versos do poema de Archanjo, em que a “coragem” é atributo para a vivência do contemporâneo.

De outro modo, e para comprovar, com um exemplo extraído diretamente do parnasianismo lírico brasileiro, que o contemporâneo não é uma categoria restrita, mas uma condição de deslocamento, como esclarece Agamben, propomos uma leitura diferente deste famoso soneto de Olavo Bilac:

XIII

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite,
Enquanto a Via-Láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direi agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?

E eu vos direi: Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas!

(BILAC, 1977. p. 53)

A presença desse poema como exemplo da quebra dorsal que caracteriza o contemporâneo pode parecer surpreendente, visto que a crítica brasileira insistiu e ainda insiste em ler mal a produção lírica de Olavo Bilac, não atentando para diálogos implícitos com seu próprio tempo e com desdobramentos do porvir, passíveis de serem colhidos de poemas como esse.

Olavo Bilac, nesse soneto, estabelece um curioso diálogo retórico, em que a visão clássica, como “vida fincada como os caibros de uma cerca”, toma a forma de uma voz interlocutora que estabelece, com o Eu-lírico, um embate acerca do que a “razão” delimitaria como “sanidade” e “loucura”. Assim, opondo visões distintas, uma ditada pela lógica do tempo do próprio poeta (a visão clássica da estética parnasiana e do realismo que forjava a imagem de mundo da segunda metade do século XIX) e outra pela experiência subjetiva que, seguindo o “pedido mágico”, constrói um caminho próprio, o “ouvir estrelas”, o poema apresenta vozes distintas, cada qual impregnada de uma experiência ou visão particular. O diálogo, apresentado como uma pressuposição, busca, contudo, sanar o conflito por meio de uma terceira construção retórica que une as dualidades: “Só quem ama pode ter ouvido/Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

Bilac, tal como explica Agamben em seu texto sobre o “ser contemporâneo”, “é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (2009, p.62), ou seja, por estar no lugar intermediário, em que a visão racional convive com a visão subjetiva, o poeta é capaz de falar duplamente: “Ora, [...] ouvir estrelas! Certo/Perdeste o senso!” e “Amai para entendê-las!”, reconhecendo que a visão racional, ao elidir o sujeito do sentimento, penetra na sombra, no “escuro”, em que não cabem experiências simbólicas, como o “ouvir estrelas”.

Como Agamben assinala, “Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém de seu tempo” (2009, p.64). O interlocutor, no poema de Bilac, assume, na criação do próprio Eu-lírico, que pressupõe essa fala (“dizeis”, “Dizeis agora”), o lugar simbólico do facho de trevas que acusa, no outro, a perda do senso, o estar “tresloucado”. Essa percepção antecipada da reação racional de seu tempo à vivência subjetiva relatada projeta Bilac na contemporaneidade de seu próprio tempo, porque ele vai além da “cerca” e alcança a capacidade da “intempestividade” (AGAMBEN, 2009, p.65) que o leva a antecipar juízos e deles previamente se defender.

Por outro lado, Agamben diz que:

[...] perceber esse escuro não é uma forma de inércia ou de passividade, mas implica uma atividade e uma habilidade particular que, no nosso caso [referência ao poema de Mandelstam]¹, equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes” (2009, p.63).

Ora, o que também se lê no poema é uma terceira retórica, de conciliação sim, mas inegavelmente de fundo racional, já que “ouvir” estará relacionado a “entender” e não a “sentir”. A “resposta” dada à pergunta pressuposta gera a imagem de um Eu-lírico deslocado de seu tempo, para poder antecipar a leitura que seu próprio tempo faria de uma imagem tão subjetiva como “ouvir estrelas”. Essa postura parece comparável com a definição que Agamben faz de “ser contemporâneo”:

E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida a nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar (2009, p.65).

Bilac, ainda que mantendo muitas das perspectivas estéticas que moldaram parte da produção lírica brasileira da segunda metade do século XIX, impondo uma forma importada e distanciada de questões nacionais que urgiam ser debatidas, teve seus momentos de deslocamento e de consciência das transformações que prestes aconteceriam. Com a obra *O Caçador de Esmeraldas*, de 1902, por exemplo, Bilac demonstrou ter compreendido que, para criar uma nova epopeia brasileira, que desse continuidade à construção da identidade heroica romântica sem fazer um uso arcaico de suas referências, era necessário buscar uma nova vertente de brasilidade em substituição ao Indianismo. E isso ele logrou encontrar no veio sertanista. *O Caçador de Esmeraldas* apresentou uma concepção nova do texto épico e inaugurou uma etapa de formação da identidade heroica nacional no curso da épica brasileira.

Bilac, com essa obra, apropriou-se do “epos” sertanista circunscrito ao episódio histórico da marcha de sete anos de Fernão Dias Paes Leme pelo sertão, e, centrando o relato no último dia de vida do herói, narrou apenas os momentos finais de sua agonia no leito de morte, inspirado, certamente, no modelo homérico da *Iliada*, da qual o poeta recorta um episódio da saga heroica da Guerra de Troia em que se narram os acontecimentos compreendidos num período de aproximadamente 50 dias do último ano da guerra. Esse recorte, projetado no episódio das bandeiras brasileiras, permitiu-lhe referenciar verticalmente o contexto do evento a partir do foco direcionado apenas no episódio da morte de Paes Leme. Temos, nessa produção bilaquiana, mais um momento de deslocamento do poema entre a tradição antiga, seu próprio tempo e a projeção do herói que substituiria o índio no repertório literário do próprio modernismo, em que o sertão se tornaria cenário recorrente.

Por outro viés, e agora referenciando Antonio Candido, lembramos que a capacidade de extrapolar a visão de si mesmo e enxergar o outro na sua diversidade e também nos aspectos que unem as duas extremidades é um privilégio que a literatura nos proporciona, porque ela “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2011, p. 182). Sendo assim, a fratura de que fala Agamben também pode se dar na capacidade lírica de deslocar-se de si para estabelecer o diálogo com a alteridade.

Se Bilac trouxe de volta a tradição homérica, para, de certo modo, romper com ela, em *Quixote, tango e foxtrote*, assistiremos ao inusitado diálogo entre uma das mais consagradas personagens da literatura ocidental, D. Quixote, e uma voz lírica do século XX. Quixote é deslocado para o tempo do Eu-lírico, sem,

entretanto, perder seus próprios referentes temporais. Assim, com Neide Archanjo, temos outros exemplos que nos permitem um aprofundamento nas considerações de Agamben. Observemos este trecho de *Quixote, tango e foxtrote* (2004, p. 319-320):

Hoje a tua estória, Quixote,
está nos quadrinhos dos jornais
e nas revistas de Madri.
Foi decidido que agora
és um super herói
muito violento, muito guerreiro.
Revolucionário a deflagrar guerrilhas
pelos campos de Aragão e de Castela
verdes campos claros
verdes campos escuros
verde Aragão
verde Castela
e em tudo a tua figura
menos triste menos bela.
Aqui o Rocinante não rumina mais filosofias
por entre os dentes largos
nem fecha os olhos doces
assustados no perigo.
Está mudado:
é forte, vibrante, fegoso
e passeia paginado em longos planos.
Dizem que a tua estória assim contada
encontrou melhor veículo
para o consumo das massas.
Isto é, explico:
facilitam a poesia
transformam o poeta
e voltam ao passado.

Mas, meu amado viajante,
se concordas que a missão é justamente outra
a de fazer-te presente hoje,
vendo o que nos causa
espanto e medo,
tu que foste poeta e cavaleiro
de outros mundos
conduze o meu olhar
para que esta palavra esteja certa
e seja ouvida.

Ao trazer a famosíssima personagem de Cervantes para o tempo presente, criando um diálogo entre os referentes do início do século XVII e os do século XX, o poema atualiza o que já se tornara uma imagem mítica, o próprio Quixote. E justamente por ser imagem mítica, o Cavaleiro da Triste Figura pode receber, por meio de um olhar deslocado para outra época, características moldadas pelo tempo da comunicação de massa e não mais pelo dos romances de cavalaria. Os sememas “hoje”, “Aqui”, “estória”, “passado” e “presente hoje” ratificam o estabelecimento de uma relação temporal, em que o possível anacronismo da imagem de Quixote é superado pela “intempestiva” proposta de que o cavaleiro conduza o Eu-lírico em sua caminhada criativa. Cria-se liricamente, portanto, uma fratura temporal que torna possível a convivência entre o Quixote do século XVII, o do XX e o próprio Eu-lírico. O “ser contemporâneo” do poema de Archanjo, como afirmou Agamben, “faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações” (2009, p.71).

Passamos agora a outro termo discutido por Agamben, o “dispositivo”, para, em seguida, dimensionarmos as possibilidades de relacionar as três categorias (contemporâneo e dispositivo, de Agamben, e “poema engajado”, de Candido) a partir da observação de mais alguns poemas de Archanjo, de modo a dar continuidade às nossas reflexões sobre a presença do tempo na poesia.

Agamben afirma que o termo dispositivo

parece remeter a um conjunto de práticas e mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) que têm o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito mais ou menos imediato (2009, p. 35).

No poema anteriormente citado, o que se percebe, na nova caracterização de Quixote, é sua subalternidade em relação aos paradigmas que norteiam o tempo em que ele foi, liricamente, inserido. Os versos “Dizem que a tua estória assim contada/ encontrou melhor veículo/ para o consumo das massas” revelam, justamente, o aprisionamento dos dispositivos do mundo tecnológico, do qual nem o próprio Quixote pode escapar. Também por isso, ali “o Rocinante não ruma mais filosofias”.

Complementando a reflexão, o poema “A nós”, extraído do livro *Todas as horas* (2004), de Archanjo, parece-nos ilustrar esse anseio por fazer frente a uma estrutura cristalizada na sociedade: o patriarcalismo. O poema fica, nesse recorte, entendido como um recurso contradispositivo. Através da denúncia e da exaltação, ele se direciona e dedica às mulheres “que foram ofendidas” (2004, p. 18), tal como vemos na primeira estrofe:

Para que não esqueçam
os nomes daquelas
que foram ofendidas
em sua condição primeva,
este poema.

Retomando o conceito do ser contemporâneo, tem-se aqui o caráter “intempestivo” do texto, no qual se apresenta um engajamento que visa ultrapassar os limites do tempo e das gerações. Ao emitir os cantos e assombros de cada mulher, presente e passado (e, por que não, futuro?) se unem no poema na perspectiva atemporal de fazer ecoar a voz do outro (2004, p. 18-19):

Suas conquistas não de ficar
para que as gerações celebrem
os feitos valorosos
em águas e terras,
obras e vozes e amores
filhos
amores refletidos.

Povoem este poema
fêmeas punidas
pelo que tiveram de melhor:
seus assombros
suas epifanias.

O tempo em degredo falará
dos roteiros esquecidos
de cada mulher
abismo de se saber sozinha
e, todavia, ressoar.

Esse “ecoar” incide sobre a ordem das coisas, desestabilizando-as. Lembramos aqui que o dispositivo é também “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (2009, p.40). O poema, repleto de sememas concernentes a sentimentos e memórias – “ofendidas”; “amores refletidos”; “punidas”; “assombros”; “epifanias”; “roteiros esquecidos”; “se saber sozinha” – pode ser percebido como uma escrita engajada em relação à denúncia do sofrimento da(s) mulher(es). Nota-se que, desde o título do texto, o Eu-lírico se identifica e se inclui, direcionando o poema “A nós”, as “fêmeas punidas”, cujos roteiros foram (ou serão) esquecidos.

Notável, ainda, é a caracterização do tempo – tema que aqui, particularmente, nos interessa. A expressão “tempo em degredo” aponta para a desconexão temporal acentuada por Agamben quando se refere ao contemporâneo como um lugar de fala. A perspicácia da voz lírica, mantendo “fixo o olhar sobre ela [a contemporaneidade]” (2009, p.59), é capaz de ver as injunções patriarcais e jogar luz sobre a sombra na qual estão inseridas as mulheres.

É igualmente perceptível um movimento de desconstrução do dispositivo patriarcal que provoca o silenciamento da voz feminina, tal como se vê nas últimas linhas do texto: “Abismo de se saber sozinha/ e, todavia, ressoar” (2004, p. 19). Nesses dois versos, a aliteração do som do “s” produz um efeito sonoro significativo do convite – ou da obrigação –, quase consequente, de silenciar. Contra esse dispositivo, entretanto, que localiza a “fêmea” entre aquelas que “foram ofendidas”, o poema se apresenta, propondo a transgressão ou a profanação (retomando Agamben), visto que este é o “contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido” (2009, p.45). Entende-se por sagrado aqui o “direito” e a obrigação, disseminados por tanto tempo, de se calar a voz feminina. A poesia, porém, transgride tal dispositivo, trazendo à tona os “roteiros”, “assombros” e “epifanias” que, antes esquecidos, agora poderão ressoar. O tempo, que guardava em exílio essas vozes, intempestivamente, falará (2004, p. 18-19):

O tempo em degredo falará
dos roteiros esquecidos
de cada mulher
abismo de se saber sozinha
e, todavia, ressoar.

Parece-nos relevante, neste momento e já promovendo o diálogo entre o pensamento do crítico italiano e o de Antonio Candido, revisitado o conceito de “poesia empenhada” do crítico brasileiro. No poema de Archanjo, fazer ressoar as histórias esquecidas de cada mulher que se soube sozinha (e sem voz) é extrapolar os limites do tempo, perpetuando-o. É dar a cada um/a de nós o direito de transbordamento e humanização. Nesse sentido, o teor contradispositivo que se recolhe dos versos de Archanjo dão-lhe perfeita feição de literatura empenhada da qual se recolhem traços marcantes da luta pelos direitos humanos, tal como define Candido: “a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura” (2011, p. 193). A literatura, na visão de Candido, pode, por isso, “ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (2001, p. 188).

Prosseguindo a leitura dos poemas de Neide Archanjo, chama-nos atenção o seu “As horas pequenas”. Nele, lemos e sentimos as marcas das experiências que, fincadas em nós, nos pertencem e nos definem. Algumas dentre elas vivem dentro de nós e, como contradispositivos por vezes desconhecidos, nos moldam e nos movem, abrindo, em nós, rastros de felicidade (2004, p. 31):

Algumas coisas vivem
debaixo da nossa pele
que não conhecemos.

Algumas coisas compostas
de horas pequenas
que vivemos.

Sentimos o lastro
de todas elas:
desenho que atravessa
a pele e a carne

de certas horas pequenas
em que fomos felizes.

Essas horas pequenas, mesmo situadas em um tempo pregresso, contraditória e anacronicamente, são o nosso lastro e nos atravessam a pele, compondo o que hoje entendemos como nós. No “entre-lugar” deste desenho que nos descobre e nos envolve, as coisas vividas se apresentam sempre como contemporâneas, visto que ressoam em nossas expectativas, buscas e esperas. Mais uma vez, o Eu-lírico consegue ser contemporâneo às nossas próprias questões, enxergando, no escuro do presente, as linhas e os direcionamentos do passado.

A percepção de tal realidade, já exposta no poema, cuja voz tem o valor coletivo do “nós”, nos engloba em um fato comum: o de sermos todos compostos pelas horas pequenas que vivemos, quer tenhamos isso em conta ou não. Mesmo as horas esquecidas ou desconhecidas nos pertencem – ou pertencemos a elas? – e o poema lido nos permite lembrar disso. Neste raciocínio, a literatura, aqui compreendida no sentido abrangente cunhado por Cândido, nos possibilita dar forma aos nossos próprios sentimentos e à visão de mundo, por isso ela nos organiza (2011, p. 188).

Ainda em torno da contemporaneidade como traço presente na poesia de Neide Archanjo, temos o poema “O inesperado” (2004, p. 92), que integra o livro *Epifanias*, de 1999:

Estou ficando só
diante do mundo
diante dos amigos
e pior
diante do amor.

Estou ficando só
diante de Deus.

Mas não era
para isso acontecer

mais tarde

bem mais tarde?

A consciência do isolamento também parece acenar para a experiência do contemporâneo. O deslocamento que projeta a experiência lírica no “entre-lugar” revela o que Agamben identificou como “desconexão” (2009, p. 58). E o sentimento da desconexão pode levar à identificação dos dispositivos que permeiam as relações humanas.

Também como “literatura empenhada”, na qual se reconhecem contradispositivos evidentes, pode ser lida a obra de Archanjo intitulada *Poesia na praça* (1970). O trecho a seguir reproduzido nos parece um exemplo claro da consciência lírica acerca dos mecanismos de controle que gerenciam as relações humanas. Vejamos (2014, p. 402-403):

Retenho trechos
literários e domésticos,
antigos e novos
para enquadrar pessoas
e situações.
Estou condenada a ver o tempo se esgotar
minuto a minuto, porque uso o relógio
24 horas por dia.
E olho, olho.

O tempo como dispositivo aparece anunciado nos minutos que nos aprisionam nas 24 horas do dia, condenando-nos ao exercício superficial de “enquadrar pessoas e situações”. Contudo, a poesia se faz voz de resistência e, mesmo afirmando a clausura do relógio, transborda a cronometria da vida para atravessar decênios, séculos, milênios, em vida pulsante, anacrônica.

A breve passagem por traços da produção lírica de Bilac que destoam de uma visão crítica viciada em apontar as faltas e o ranço parnasiano no lirismo do poeta e as considerações sobre a “artimanhas” do lirismo de Archanjo, que tão bem concilia a presença do elemento arcaico e a voz de denúncia social, são pretextos para provocar a eficácia da categoria tempo como parâmetro para a leitura de poesia. Poetas têm relógios próprios, cujos ponteiros escapolem das teorias.

Dentre as horas que passaram ou aquelas que ainda nos restam, quanto tempo o tempo tem? Respostas exatas não nos cabem nem nos alcançam, mas é um alento perceber na literatura o exercício constante de geração de contradispositivos compostos de um forte potencial para deslocar e reposicionar os indivíduos, dando-lhes a sensibilidade de enxergar além e através do seu próprio tempo, a fim de se tornarem mais empáticos e, conseqüentemente, mais humanos. Por tudo isso, sim, vale a pena lutar!

Referências

Agamben, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Tradutor Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

Archanjo, Neide. *Todas as horas e antes*. Poesia reunida de Neide Archanjo. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

Bilac, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Candido, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p.169-193.

1 Observação nossa.

A MULHER ALMEJADA

e *As Luzes de Leonor* de Maria Teresa Horta

Simône Gomes dos Santos (UNIFESSPA)¹

Orientador: Prof. Dr. Fábio Mario da Silva (UNIFESSPA)²

“O delírio é uma arte que cultiva à pena, na invenção da alma e da natureza. Mas não será o corpo o melhor de si, o que nela sustenta a tanta luz e avoluma a tanta rebeldia? Ou o poema?” (HORTA, 2017, p.8)

Resumo

O presente artigo tem como centro de interesse analisar o romance de Maria Teresa Horta, poetisa portuguesa cujas produções se deram mais nas primeiras décadas do século XX. Maria Teresa foi umas das primeiras mulheres a iniciar a luta pela emancipação da escrita feminina em Portugal. Veremos neste estudo, a linguagem erótica como instrumento de militância para a libertação e inserção cultural e intelectual no universo feminino através de uma apropriação do discurso como negação de hegemonia cultural entre o universo masculino ao impor um modelo patriarcal dominante e excludente. A escritora, poetisa e jornalista, Maria Teresa Horta criticou de maneira veemente qualquer tipo de obediência, principalmente a falta de afirmação e valorização das obras de escritoras na elite intelectual portuguesa. Portanto, através da leitura do romance; vemos a luta dessas mulheres que almejam e desejam ser reconhecidas pelo o que são capazes de fazer. Para isso nos embasaremos nos teóricos BATAILLE (1980), LUCKAS (2011), NASCIMENTO (2009).

Palavras-Chave: **Vida. Escrita. Mulher. Luta. Leonor.**

Introdução

Iniciamos nosso texto falando sobre a trajetória de vida e carreira de Maria Teresa Horta, que tanto em seus poemas quanto em suas obras ficcionais, a escritora feminista Maria Teresa Horta (1937), deixa em evidência a sua militância, a sua verve acentuada em relação ao poder de escrita feminina e o alcance dessa escrita aos leitores.

Uma questão, em especial, que nos chama atenção em praticamente todas as suas obras, questão que se faz entender pela apropriação da linguagem para expor sua preocupação e possível reflexão ao nível da cultura e da intelectualidade feminina. A escritora se utiliza da literatura como um instrumento de revide ao

1 Graduanda do Curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Instituto de estudos do Xingu (IEX). simoneportela1@hotmail.com.

2 Docente Curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Instituto de estudos do Xingu (IEX). fabiomario@unifesspa.edu.br

patriarcalismo e à moral burguesa, o que faz também com que pensemos o lugar das mulheres escritoras no cânone.

A biografia de Maria Teresa Horta revela a trajetória de uma intelectual de família burguesa que luta contra preconceitos relacionados à escrita feminina, como forma de revide. Expõe em seus poemas total liberdade que contraria a moral burguesa. Abraçando a militância em seu trabalho de maior repercussão, cuja participação como uma das autoras de *Novas Cartas Portuguesas* (1971), ficando conhecida como uma escrita de conteúdo sensual, motivo que levava as três Marias ao tribunal:

Pensemos o amor no seu jogo através do contentamento: as palavras uma por uma no bordado empolgante dos sentimentos e dos gestos. A mão sobre o papel traça com precisão as ideias nas cartas que, mais do que para o outro, escrevemos para nosso próprio alimento: o doce alimento da ternura, da invenção do passado ou o envenenamento da acusação e da vingança; elas próprias principais elementos da paixão na reconstrução do nosso corpo sempre pronto a ceder à emoção inventada, mas não falsa. (BARRENO; HORTA; COSTA, *Novas Cartas Portuguesas*, 1974)

Traços de um erotismo como uma tendência na escrita da autora que faz com que associem a ideia de pecanocidade, estabelecendo limites para a ascensão do pensamento feminino por meio de uma escrita combativa contra a moral e o patriarcado. Conforme descreve em seu poema de “*Vozes e olhares do feminino*” de 2001: “Se a língua ganha/ a dimensão da escrita”, “a escrita ganha a dimensão do mundo”. Vislumbra um desenvolvimento ou reinvenção da escrita por meio do próprio corpo feminino.

Em certo sentido, os títulos de seus poemas e romances traduzem uma postura temática inflexível da autora no que tange seu ponto de vista em assumir quase sempre discursos voltados aos assuntos femininos e feministas. O primeiro título *Espelho inicial* (1960), sugere uma escrita não mais submissa, “nunca mais o cais”. *Cidadelas Submersas* (1961), *Verão Coincidente* (1962), *Amor Habitado* (1963), *Candelabro* (1964), *Jardim de Inverno* (1966), *Cronista Não é Recado* (1967), *Minha Senhora de Mim* (1971), *Poesia Completa* (1983, dois volumes), *Mãos sobre o Corpo* (1970), *Ana* (1975), *A Educação Sentimental* (1975), *Os Anjos* (1983), *Ema* (1984), *O Transfer* (1984), *Rosa Sangrenta* (1987), *Antologia Poética* (1994), *A Paixão Segundo Constança H.* (1994). *O Destino* (1997), *Poemas para Leonor* (2010). *As luzes de Leonor* (2012) entre outros.

Cumpramos observar que as expressões dos títulos das obras correspondem, majoritariamente, às anotações que são feitas sobre o corpo feminino. A nova visão intelectual sobre a apropriação de uma estética autônoma que se traduz, principalmente, no âmbito artístico cultural de uma época de escritoras iniciantes e marginalizadas pelo cânone.

Conhecedora da função da linguagem poética, a poetisa investe contra os poder machista que regia Portugal através de vários poemas e obras de ficção. Conforme Maria Teresa comenta sobre o principal livro que problematiza o tema.

Minha senhora de mim foi, pois, um livro determinante, quer na minha obra, quer na minha vida pessoal. Depois de o publicar, fiquei só na planície ardente. E até a aragem que me fazia mover os cabelos, era de brasa. Tinha infringido os códigos, tinha tomado de assalto na Literatura a coutada masculina da escrita erótica, com dístico à porta, prevenindo: mulher não entra! E eu entrei, extravasando. Ou seja, escrevendo como mulher sobre o corpo da mulher, sobre a sua-minha sexualidade, o seu-meu arroubo e prazer; sobre o seu-meu gosto-gozo: sem estereótipos, sem mitificar nada. Escrevendo igualmente sobre o corpo do homem, tornando-o objecto do desejo feminino. (USP, XXI ENCONTRO DE PROFESSORES, 2007)

Horta na sua trajetória de vida e de carreira literária tem como histórico o fato de ser perseguida e espancada pelos conservadores durante a Ditadura Militar em Portugal, muito responsável pela tendência ideológica de submissão feminina. Em relação às mulheres e o erotismo e a prostituição, George Bataille em *O erotismo* vai nos dar pistas importantes sobre a relação do corpo feminino e seu usufruto:

Como são os homens que têm a iniciativa, as mulheres têm o poder de provocar o desejo dos homens. Se não há qualquer razão para que se possa dizer que as mulheres são mais belas ou mais apetecíveis do que os homens, é verdade que, na atitude passiva que é a delas, as mulheres tentam obter, suscitando o desejo, a conjunção que os homens atingem perseguindo-as. As mulheres não são mais apetecíveis, mas se propõem mais ao desejo. Melhor: propõem-se como objectos ao desejo agressivo dos homens. Assim se é falso que cada mulher seja uma prostituta em potência, é verdade que a prostituição é uma consequência da atitude feminina (BATAILLE, 1980, p.116).

Adotamos aqui uma forma de prostituição do latim *prostituere* que significa “colocar diante”, “à frente”, “expor aos olhos”. Explicamos aqui Maria Teresa não expõe o corpo de forma material aos leitores. Em seus versos representa o corpo, metaforicamente, o corpo de todas as mulheres militantes ou não. Ao contrário da militância do século XVI em que as mulheres lutavam contra o arsenal teológico da igreja para impor o puritanismo, durante a Contra Reforma, que resultou com a venda do corpo de forma clandestina.

Segundo Bataille “Proibição e transgressão correspondem a dois movimentos contraditórios: a proibição rejeita, mas o fascínio introduz a transgressão.” (1980, p. 60). Desse modo, estabelece uma relação entre poesia e a revolução reflete diretamente na ideologia feminista que recoloca a importância da história e da realidade feminina se constituem em fontes que alimentam a poesia.

Como podemos ver no romance *Ambas mãos sobre o corpo*:

Sentia-se como se dormisse já; a própria imagem que via reflectida no espelho era a imagem difusa de uma mulher adormecida. Passa a língua pelos lábios secos e sente-os salgados, parece-lhe ser salgado aquele sabor estranho. Ou a fruto, a vinho? A língua detém-se, espessa, mole, antes de percorrer novamente os lábios. Através da penumbra lenta do quarto, o olhar de quem ali entre será conduzido de chofre até à luz acre, abrasada, que se detém, mas que se infiltra apesar de tudo por entre as lâminas metálicas das persianas. Depois a mulher. (Horta, 1970, p. 13)

Para Maria Teresa Horta as mulheres são vistas em segundo plano. O modelo conservadorista, por sua vez, trata a temática sobre o erotismo na escrita das mulheres sob o ponto de vista condenador. Tais reflexões, em certo sentido, apontam a maneira incisiva que Horta aborda as questões referentes ao feminino e ao machismo, embora utilize linguagem metafórica, características indissociáveis do seu pensamento poético.

Ao escrever o poema *De joelhos*, Horta expressa que o homem tem que se curvar diante da figura feminina para satisfazer seus desejos. Arriscamos afirmar, que ao se curvar diante da mulher o homem aceita suas imposições, e que não são somente geradoras de filhos são seres, mulheres pensantes. Portanto, a hipótese que se sustentará neste estudo é a linguagem erótica como instrumento de militância para a libertação e inserção cultural e intelectual no universo feminino, ou seja, a apropriação do discurso como negação de hegemonia cultural entre o universo masculino ao impor um modelo patriarcal dominante e excludente.

A mulher almejada e discurso dominante

No século XI, a mulher vivia de acordo com o discurso eclesiástico, jurídico, e científico, tais discursos, legitimavam a autoridade do homem sobre a mulher. Na Europa Medieval, a mulher obedecia ao homem, ao pai e ao marido. Por ser mulher era vista como um ser inferior, conseqüentemente, servia como moeda de troca. Ao pensarmos em mulheres do medievo, recorremos à história, encontramos mulheres submissas aos seus esposos, que não tinham acesso à educação, e ao mesmo tempo, as que se destacavam eram marginalizadas.

Dentre as mulheres destacam-se três protagonistas: Eva, Maria e Maria Madalena. Eva, a primeira mulher citada no discurso religioso, “a tentadora”, além do bem e do mal. Sendo ela, a legítima causadora de transtornos, do pecado. Acusada por instigar e incentivar o homem “ao pecado”. Essa mulher, repudiada, descartada, porque o homem não conseguiu exercer seu espírito de liderança. Os prejuízos causados pela falta de liderança de Adão sobre Eva é mau exemplo no lar, na sociedade, e na igreja.

Numa tentativa de educar a mulher, o discurso religioso apresenta Virgem Maria, “a intercessora”, modelo de perfeição, por ter concebido o filho, o consumidor da Fé e autor da Salvação. Há poucos relatos sobre Maria nas Escrituras Sagradas, nas poucas passagens, entendemos que Maria ocupa posição de mulher fiel e submissa ao esposo, que se mantinha no seu lugar, perante a sociedade e a igreja, a virgem era mulher de silêncio e não de palavras.

Por não conseguir educar a mulher, numa última tentativa, no concílio de 30, ampliado pelo discurso religioso, apresenta Maria Magdalena, uma prostituta. Magdalena é apresentada segundo o pensamento cristão, como uma mulher “educada”, porque faz uma recusa do mundo, do pecado e da prostituição, se rende ao Divino, torna-se obediente ao Pai e ao esposo.

A representação da mulher medieval, segundo Larraca (1995, p.20) “tem um tratamento político, jurídico” estes por sua vez, “dão autoridade para o homem exercer sobre a mulher e posteriormente dominá-la.” Sob sua representação do sexo oposto, o homem expõe suas necessidades. Na tentativa de justificar a responsabilidade sob a mulher, com principal objetivo de manter um discurso dominante. Conseqüentemente, a função da mulher era estabelecer a linhagem, quanto à leitura aprendiam, para saber como educar os filhos e segundo os fundamentos cristãos, porém não podiam falar em públi

A literatura e a mulher contemporânea

Por muito tempo na literatura, as mulheres tinham papel coadjuvante. Não tinham voz. Ao deparamos com a escrita erótica de Maria Teresa Horta, revela-se enquanto processo enunciativo feminino que definem várias características e representações. Conseguimos compreender esse posicionamento, se entendermos que o conteúdo da poesia pode e devem ser constituintes do discurso histórico-cultural. Como pode ser compreendida também como “transgressora”. Dependendo do local de recepção do conteúdo.

No âmbito religioso e numa sociedade patriarcal, o conteúdo erótico, enunciado por uma mulher pode ser recebido como uma transgressão de valores. Fruto de um posicionamento histórico-cultural, preconceituoso, formado sobre a figura da mulher. A mulher ousada que ressurge, com um objetivo único: reinscrever a mulher no âmbito social, como um ser falante, um ser pensante, capaz de sentir e expressar por meio da escrita, algo que se fixa, provocando resistência dos patriarcalistas.

Maria Teresa Horta, ao compreender que ser dona de si, independente, representada assim na poesia.

A poesia utilizada para constituir novas vivências. Maria Teresa reconhece que a hegemonia não sustenta a cultura de um povo. A quebra dessa hegemonia tem seu marco inicial com as *três Marias*. Sua publicação da escrita poética em Portugal, julgada por tentativa de persuasão feminina.

As vozes das três Marias iniciam um processo de representação de todas as outras vozes femininas que foram silenciadas ou permanecidas no anonimato. Mulheres escritoras em Portugal com gênero poesia reduzia a sua materialidade, por consideração de um aspecto: as vozes dos enunciadores. Elencados aos paradigmas em torno da poesia de censurar ou elevar o discurso feminino.

Essas vozes enunciatórias elencadas aos paradigmas em torno da poesia em censurar ou elevar o discurso feminino. Entre o patriarcal, político e o feminino. A tríade desenrola-se como um processo de continuidade artística literária. Com ênfase na inclusão do discurso feminino, legitimados a partir do particular para o público. Tornando-se um processo de marginalidade, inequidade entre homens e mulheres.

Ao tocante dos assuntos proibidos, a condição poética enquanto papel social pode elevar ou tornar o sujeito como função de objetos, tanto pelo meio da veiculação, quanto a aceitabilidade, dependendo da condição ou imposição social em que está inserida. As mulheres como sujeito social, coparticipantes da criatividade artística começa ser inserida no meio social, não mais como reprodutora, ressurgem como geradora de opinião.

Embora retomem o tema da metalinguagem que compõe a utopia de se encontrar na política da escrita, as *três Marias* expõem seus anseios, desejos, e o tema erótico. A mulher desejada inicia processo de participação constituindo o desejo da mulher, ao produzir sob o olhar feminino de si mesma, de dentro para fora, de si para os outros, do individual para o social.

Militância feminista portuguesa

Dentre outras mulheres que se destacaram no início do século XX, falaremos sobre a portuguesa Florbela Espanca (1894 – 1930), por meio de sua escrita era julgada como libertina, por levar em consideração sua vida pessoal, por ter se casado por três e por ter diversos amores. Florbela ficou conhecida por lutar pela inserção da mulher na literatura feminina em Portugal, por meio de seus sonetos expôs suas frustrações frente à opressão patriarcal.

Para Marcuse, a repressão é uma forma de a civilização manter os instintos sexuais sob controle “[...] a organização social do instinto sexual *interditada* como *perversões* praticamente todas as manifestações que não servem ou preparam a função procriadora” (1981, p.61). Marginaliza a escrita da poetisa, por estar “transgredindo” ou subvertendo a ordem, segundo o conceito opressor.

Conforme descrito em seu soneto intitulado “Ser poeta”, do livro *Chaneca em flor*, apresenta a emoção, o erotismo e ao mesmo tempo o sentido da existência. “Proibição e transgressão correspondem a dois movimentos contraditórios: a proibição rejeita, mas o fascínio introduz a transgressão” (1980, p.60).

Ser poeta

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
é condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma, e sangue, e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!

(ESPANCA, 1931, p.11)

O poema representa a mulher na marginalidade da literatura, o sentimento de sofrimento e solidão, que por ser entendida pela figura do poeta expressada no próprio título. No primeiro verso do primeiro quarteto o eu-lírico expõe seu objetivo, por meio da escrita elevar a mulher ao escrever poemas tornam-se maiores do que os homens. É escrever sobre o que a censura não permite, como se fosse permitido.

O eu-lírico compara o poeta com o rei, que, ao escrever tem poderes para denunciar, transformar e com mendigo, porque tem muita imaginação, porém não tem status suficiente para expor, isso transforma em dor. Ao compararmos a metáfora do rei, significa o homem da época, e o mendigo a mulher.

Já no segundo quarteto expressa os desejos, reflete sobre a existência, o eu-lírico almeja, *deseja*, uma posição social e não se afirma. Tem desejos incontroláveis, ao ponto de *não saber o que se deseja*. Ao se comparar com a ave, o eu-lírico quer nos mostrar que o isolamento a deixa mais preparada, embora tenha uma *luz*, que irradia dentro de si. Capaz de irradiar muitos permanece isolada protegida das críticas.

No primeiro terceto, o eu-lírico cita que após a batalha vem o esplendor, o isolamento a preparou, E o que escreve tornam-se armas poderosas, para denunciar, criticar. Embora o poeta faleça, o que foi escrito permanecerá, sendo esta a recompensa pelo isolamento. Esta recompensa torna a poeta como um ser superior a outro, uma libertação que pode dar diante do mundo.

Florbela rompe paradigmas, sobre o livre pensar da mulher, ao mesmo tempo, cria novos sobre o lugar de enunciação feminina, em relação ao que a mulher pode fazer e de fato, faz. Esse movimento anuncia vozes silenciadas. O que se tem por erótico em sua poesia, pode ser visto em *Ser poeta* como um grito de libertação, perante uma sociedade patriarcalista.

Desse modo, o desejo pelo proibido não recai sobre o objeto. É justamente a proibição que pesa sobre o objeto que o torna desejável. Porém, em Florbela Espanca percebemos o desejo pela inserção da poesia feminina nos diversos modelos de circulação, tida como transgressora ao tentar ultrapassar esses limites.

As perversões se constituem como transgressões à sexualidade considerada normal, já que se opõe à continuidade da função reprodutiva do ato sexual e, por consequência, à dominação paterna: “[...] as perversões parecem rejeitar a escravidão total do ego do prazer pelo ego da realidade” (1981, p.62).

O romance histórico: *As luzes de Leonor*

No início do século XIX, quando surge o romance histórico, a maioria dos historiadores acredita e defende a necessidade de comprovação dos fatos, concebe a História como ciência exata e se obriga a provar, através de documentos, que estão narrando um fato ocorrido e não imaginado. O positivismo e seu cientificismo acabam consolidando a teoria de que a Literatura não servia como fonte de conhecimento, já que misturava fatos reais e imaginários. Essas idéias predominam até o início do século XX, quando, com o surgimento da Nova História, essas certezas começam a ser questionadas.

Em Portugal, quem introduziu o romance histórico foi Alexandre Herculano (1810-1877). O escritor tentava compensar alguns arroubos apaixonados típicos da escola romântica com a serenidade racionalista, e seguia os ditames do Romantismo, ambientando suas narrativas na Idade Média.

A presença da História em termos de resgate, representação e problematização do passado português é característica da geração que começou a produzir após a Revolução dos Cravos. Nesta geração, enquadram-se ainda autores que já eram consagrados, mas que, com o fim da ditadura, apostam no experimentalismo e em inovações, dialogando também com a historiografia.

As luzes de Leonor da escritora portuguesa Maria Teresa Horta é um romance histórico sobre a história de Leonor de Almeida, quarta marquesa de Alorna, neta dos marqueses de Távora, (avó em quinto grau de Maria Teresa Horta). Leonor foi uma mulher que se destacou na história literária e política de Portugal, no período denominado como o século das luzes. Maria Tereza pesquisou durante treze anos para escrever o livro, para isso Maria Teresa vasculhou a biblioteca nacional, à procura de documentos, cartas referentes à D. Leonor ou algo que pudesse mencioná-la.

Leonor nasceu em 1750, tinha uma personalidade, passou por momentos muito intenso, fervilhante que metade do século XVII e início do século XIX. Com apenas cinco anos de idade passou pelo terremoto de Lisboa, junto com Marquês de Pombal. Ficou enclausurada num convento durante dezenove anos de sua vida. Não era uma mulher que se conformava, ela recusava-se a obedecer cegamente às ordens que lhe impunham.

Recusou-se a casar-se com o homem que o pai tinha escolhido para si. Ela queria muito mais para sua vida, do que, muito mais se casar e ter filhos. Acompanhou a Revolução Francesa, privou com Maria Antonieta, Mozart, Bocage, todas essas grandes figuras que estão como personagens do livro, tornando a história mais real e memorável.

Dona Leonor era uma mulher muito culta, que desde muito cedo se interessou por filosofia, literatura, ciências exatas, ela foi uma filha do iluminismo que tinha como objetivo que as pessoas utilizassem a razão, que tivesse um pensamento crítico, que procurasse o saber, o conhecimento em todas as áreas que se surgissem contra todos os dogmas e preconceitos religiosos.

Os iluministas eram contra o despotismo e D. Leonor, além disso, era uma adepta fervorosa, da participação ativa na política e na vida acadêmica. Por causa dessa atitude D. Leonor teve muitos admiradores, porém teve também muitos inimigos que a perseguiram com intrigas, calúnias, por isso viveu em muitos países como Portugal, Áustria, França. Frequentou todas as cortes, inclusive, a corte espanhola e por onde passava se destacava por sua inteligência.

O romance histórico segundo Lukács (2000), revela a disputa entre as forças sociais, em uma perspectiva adequada à do cotidiano da vida dos indivíduos medianos. A figura do herói, que emerge dessas disputas, é a de um sujeito oriundo de um grupo social, que se identifica com esse grupo, revelando sentimentos, angústias e emoções.

Neste romance em questão, Leonor também dialoga com a História, mas de modo completamente diferente do convencional. Embora não tenha fragmentos quanto seus personagens, aparece uma confusão com as falas das personagens, o leitor deve estar atento, através dessas mulheres que despejam emoções sobre os leitores é que tomamos conhecimento de quando se passa a história.

As três personagens, em especial Leonor faz um embate com outros homens, pela ousadia e coragem não sendo cúmplices ou silenciadas pelas maldades pela qual são expostas.

A mulher almejada por Leonor

Durante sua vida e enquanto fica enclausurada no convento, que por muito tempo se comunica com seu pai por meio de cartas. Através desses escritos e confissões durante o convento, Leonor se incumbe de falar seu sentimento e seus anseios. Quando criança, seu pai a comparava como angelical e obediente. Ao distanciar-se do pai e muito curiosa para aprender sobre “as coisas das letras”, ensaiava escrever seus poemas. Seu interesse pelas letras era imenso. As luzes que tanto desejava relaciona com pensamento, um pensamento livre capaz de transpor na escrita.

Esse fator gera incômodo em torno dos que no romance que a rodeiam. Em seu contexto de produção, as mulheres não tinham condições de pensar. Maria Teresa expõe no romance a luta de Leonor para tornar-se escritora iluminada, com voz ativa e capaz de pensar não seguindo pretensões maiores de contar uma boa história e resgatar uma época quase esquecida, enaltecendo Portugal e sua luta, e descrever que o país não foi o centro do mundo apenas na época das navegações.

Esse cruzamento do fator histórico com personagens reais e não heróis, seguindo de acordo com a escrita de uma epopeia, Adorno afirma que “[...] quanto mais densa e cerradamente se fecha a superfície do processo social da vida, tanto mais hermeticamente esta encobre a essência como um véu”. (ADORNO, 2003, p. 57).

Portanto, os aspectos da vida burguesa romance tornam-se importantes para evidenciar, a partir de sua pretensão autônoma e crítica, a autora fazer a representação da luta dos oprimidos e marginalizados e que a luta das mulheres portuguesas em defesa da escrita, de uma representação feminina no cânone literário português é muito antiga.

Considerações finais

O título desse romance de Maria Teresa, espécie de contraponto em relação à falta de perspectiva daqueles que se deixam levar pela falta de expressão, é o mais inusitado de todos, já que passa a ideia de transição, entre os séculos, da presença real alguém que não fica sempre no mesmo ponto, aguardando algo acontecer.

Os conventos, as clausuras são quase sempre os elementos constitutivos dos romances de Maria Teresa, a partir deles consegue diferenciar o que é parte criação humana, integrada à clausura dos pensamentos e desejos feminino, atribuídos à restrição, tido como impulso para àqueles que buscam dentro de si mesmas através de uma luta constante alcançar o alvo que são “as luzes”, do conhecimento.

A palavra e a impossibilidade da palavra é questão que motiva o tema central do romance. Principalmente a impossibilidade de uma pessoa poder se expressar, de ter a sua própria voz. Sobretudo a imposição da ausência de expressões não significa que o sujeito não tenha o que dizer. Tais como as mulheres anterior e posterior ao século das luzes, as mulheres marginalizadas por um sistema excludente, que lutam e vencem os percalços da vida, lutam por conhecimento, não por ter apenas valor estético, mas por ser capaz de construir e reconstruir-se, inventar e reinventar-se diariamente.

REFERÊNCIAS

BARRENO, Maria Isabel; HORTA, Maria Teresa; COSTA, Maria Velho. *Novas Cartas Portuguesas*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1974.

BATAILLE, G. *O erotismo*. 2^a. ed.. Tradução de João Benard da Costa. Lisboa: Moras, 1980.

ESPANCA, Florbela, *Obras Completas de Florbela Espanca*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1992.

FLORES, Conceição. *O sentido primeiro das coisas*. Conceição Flores (Org.).v.1. Natal (RN): Jovens Escribas, 2015.

HORTA, Maria Teresa (1972), *Ambas as mãos sobre o corpo*, 2.ed., Lisboa, Europa-América.

LUCÁKS, György. O romance histórico. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

Tema Maria Teresa Horta: Palavra(s) de mulher. *JL (Jornal de Letras, Artes e Ideias)*, nº 1004, 25 de março de 2009, p. 12-19.

NASCIMENTO, Érica Peçada (2009). *Vozes Marginais na Literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano.



Poemas

SOBRE ESTAR NO MUNDO

Aglacy Mary

ando na estrada
há muitos calos
e suores.

sou sua poeira
e cada pedra.
sou toda fenda
de sua extensão.
sou sua curva
sou sua vala
sou seu desvio
seu pontilhão.
sou seu ponto
de partida
e sua chance
de chegada.

da estrada
sou tudo.
ela mesma.
mas se meus pés
não se dão
a misturar-se
com o chão,
sou superfície.
apenas passagem.
sou nada.

EM GUARDA

Aglacy Mary

Que não nos abandone
a febre do peito
sentenciado
e não arrefeça em nós
o lume.

Que o precipitado
crepúsculo dos olhos
não nos faça renunciar
aos inéditos sabores
e ao destemido verso,
razão do êxtase
que não se entrega
ao sossego,
mas prefere as mãos
que nos tatuam linhas
sobre um canto qualquer
da alma.

Amém.

DÚVIDA

Aglacy Mary

a incerteza
que nos rege
é a mesma
do rijo do chão,
que dorme e acorda
sem saber
em que trecho
de pedra sua
vai pingar
a próxima porção
de chuva.

é nesse gotejar
de surpresas
que vive
a poesia,
que me salva
um pouco,
todo dia.

Chuva sertaneja

(Ana Moura)

Chuva sertaneja

Traz o verde pro sertão.

Traz vida pra lavoura,

Traz vida pra dentro de casa,

Saciando a fome de trabalho,

Comida e dinheiro,

Desse povo brejeiro.

Trazendo consigo alegria e esperança de montão.

A chuva sertaneja

Muda toda a região.

Os moradores e a meninada vão todos pras calçadas,

Com baldes, panelas e caldeirão.

A chuva sertaneja

além de trazer também leva....

Leva a dor, a tristeza, o sofrimento.

Leva a fome e a miséria.

Fica só o contentamento.

Ah, se eu pudesse parar

O tempo nesse momento!

Só pra perpetuar a alegria

Ao invés do sofrimento.

04/05/2017.

Póstumas memórias

Então, naquele momento
Percebi que para estar só
Não precisa estar
Somente sua mente precisa

Depois disso
Me acabei
Porque sabia oque iria acontecer
Como sempre sei

E foi assim
Nesse mundo caótico
Que percebi
Quão inútil sou

E assim, me destruindo por dentro
E sabendo que ninguém me ajudaria
Eu desapareci
Desapareci e ninguém percebeu

Eles continuaram sua vida
Não pararam um minuto
E assim percebi
Que eu não era amado

E por saber disso
Me destruí
Cada corte que eu fazia
Era por alguém que me machucou

Mas o sangue que saía
Não queria me matar
Só queria me fazer esquecer
E assim continuar

Mas, porque continuar?
Não tenho mais esperanças
Deveria então me matar
E assim saber

Saber que não existo
Saber que não preciso dos outros
Saber que o mundo tem fim

Saber que não há esperança de viver

Nós precisamos da vida pra existir

A vida precisa de nós para sumir

Então sim, minha decisão foi certa

A morte, foi um bom caminho

Ass.: Andrewcdf

OLHAR

Entre o certo e duvidoso
Rompi a barreira da luz
Encontro-me nas retinas.

Clécia Santos

PALAVRAS

Ditas entre o sim e o não
Uma para amar, outra doer
Depende da inserção.

Clécia Santos

VINGANÇA

Um chove e não molha
Um dá e recebe
Lei do retorno.

Clécia Santos

CIRANDA DAS PALAVRAS

Ah, as palavras...
Carregam suor e sangue
Em cada grafema
Em cada fonema
Sons se formam em versos pagãs

Ah, palavras...
Vem do coração e da razão
Vem da dor e da paixão
Procurando sempre
Traduzir-se em amor e dor

As palavras juntas
Representam uma identidade
De instantes agoniados e soluçados
De instantes amados e apaixonados

Na ciranda das palavras
Brotam mulheres
Em cachos e flores diversas
Em sedução e perfumes únicos...

Na ciranda das palavras
Nasce o verbo
Que fala de mãe e avó
Que fala de mãe, filha e tia
Nasce a mulher selvagem
Em busca dos gozos femininos
Reinventado todos os dias
Sua maneira de Ser e Estar.

(Elvira Pereira de Araújo – Angicos/RN)

Para não esquecer

Éverton Santos

Já dizia Fernando Pessoa
“Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena”
Mas que tamanho têm tua alma
E a causa pela qual lutas?

Pois, se plantas, queres colher
Se vês o sol, queres luz
Se amas, queres amor
Mas (pergunta que não se cala):
Quanto tempo podes esperar?

Tens lágrimas e joelhos ralados?
Teus sonhos apodreceram no pé?
Te faltam fé, ânimo, motivação?
Lembra que novos desejos nascem,
Outros dias trarão seus morangos.

Sede realista esperançoso
Que sabe que há o não, há o sim
E que tudo valha a pena – vale!
Até mesmo fazer este poema
Com o afã do ser pessoa.

Trabalhar com mãos

(...)

Madeira

Talhando,
As lascas nadam no ar.
Cunha e martelo, broca,
Dá-se à madeira à forma esculpida que ela pede.
Cria-se no talhar
A reflexão que cintila no corpo,
Montando-se a revelação
Se mostrando ao mundo:
Tomando do mundo um pouco do espaço;
Tomando do mundo um pouco do tempo;
Tomando do mundo um pouco de si;
Elaborando-se na madeira a criação.

Aço

Vinte um mil graus de calor amolecem o aço.
Deslizam sobre os graus a metálica,
Escorregando nos moldes entre a força e o criar
De cada batida niveladora que afia.
Idade outra do aço
O domínio do homem sobre o terreno
Que domina a si e ao outro nas navalhas.
Também adormece sobre o fogo
E martela sobre o aço a humanidade,
Ela imprime nos fiéis condutores do domínio
A estatura do seu querer,
Em um formato que mostre ao resto de todos
Que vinte um mil graus
Forjaram a imensidão do poder humano.
No entanto, o fino engano,
Achar que vinte um mil graus,
Mesmo que em vinte um mil anos,
Não forjassem além da sua vontade,
Sua desgraça e sua fraqueza,
E fosse também o aço
Uma forma de escrever o tempo
Contando o hominal segredo:
Sua finitude.
E nisso reside seu medo.

(...)

Leonardo Bezerra

Riqueza de Valor

Reflete a travessia da vida

Enxerga com os olhos da alma

O cume da essência humana

Com o seu Eu presente

Abraça a empatia

Para alicerçar a razão

Que desabrocha do coração.

Os planos arquitetados

A força de vontade concretiza

Na beleza do amor

Abastece a vida

A felicidade é a joia

Que ornamenta a subida.

Ah, ganhou o prêmio!

Quem nasceu e respirou

Com asas chegou

Vale a pena alçar voos

E caminhar com o Senhor.

Leunira Batista Santos Sousa nasceu em Nossa Senhora da Glória, SE, Brasil, onde ainda hoje reside. Escritora, poetisa e jornalista. Graduada em letras Português/Espanhol pela UNIT. De Professora/Educadora a Auditora de Tributos da SEFAZ-SE, aposentada. Coautora do livro Nossa Senhora Da Glória e Sua História (1978), marco dos 50 anos de Emancipação Política. Autora do livro O Espelho da Felicidade (2014). Participou de 35 Antologias com poesias e de 13 Revistas com poesias e artigos. Membro Fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS), cadeira nº 3, Patrono Marcelo Déda Chagas. Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL), cadeira nº 16, Patrona Maria Helena de Andrade Pereira.

Sociedade absurda (LUTO)

Luto pelo direito,
Luto por tudo
E por quem tenho respeito.
A luta é vã
No molde do agora,
As pessoas não são mais como outrora.

Luto pelos menos assistidos,
Luto pelo não luto,
Por aqueles que ainda estão vivos.
Somos tão iguais
Em meio a tantas (in) diferenças.
Onde estão os tais direitos?
Perderam-se em meio às nossas (des) crenças.

Luto, e isso tudo me aflige,
A vicissitude me permite:
Uma total impotência.
E mesmo a tantos lutos,
A muitos “nãos” abruptos,
Continuo na luta
Contra essa sociedade absurda.

(Marcello Moura)

Marcello Moura

Residente em Nossa Senhora da Glória, é Graduado em Letras Português/Inglês pela UFS, com Especialização em Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Texto, pela Faculdade Atlântico. É professor de línguas, poeta e escritor. Tem poesias e prosa publicados nas seletas antologias EGEL 2016 e EGEL 2017, participou da seleta do 5º Encontro de Escritores Sergipanos e das antologias 4º Encontro de Escritores Canindeenses e Convidados e 2º Encontro de Escritores Monte-alegrenses e Convidados, ambos em 2017. Em dezembro do mesmo ano lançou sua primeira obra poética “As cores de mim, na essência do eu”.

Voz

Alcem a voz aos direitos da infância

Voz às mulheres,
meninos e meninas,

e de todos: Direito à voz!

Voz aos que não são ouvidos!

Aos amordaçados,
encarcerados na voz da razão
do que fere, discrimina
na mordada do medo
do que cala e consente,
não se cale a voz!

Deem voz às crianças,
ao povo forte que se acha fraco,
voz de liberdade!
Alcem a voz velhos e meninos,
mulheres e crianças!
Alcem a voz do sonho e da luta, da resistência,
até que a esperança adormecida,
desperte e cante:
é um novo tempo!

_Bradem aos quatro ventos o amor,
o cuidado com a natureza,
os sonhos perdidos!

Vozes desfalecidas despertem e cantem
atentas:

É tempo de sonhar, de lutar,
tempo de não deixar se calar!

_Ouçam: Quase em sussurro,
as vozes chamam a paz
a alçar voo sobre nós.

E se a gente puder escutar

voaremos na asa da esperança desperta,
na fé alenta e forte,
com sua voz a entoar
e dizer:
É tempo de cantar!

Paula Belmino

VIVER É LUTAR

Samuel de Mattos

O dia acorda
Os olhos se abrem
O corpo respira
A lança, o escudo
Me chamam à luta.

Há pedras no caminho
E eu tenho que andar
A luta é necessária
Me levanto, ergo o punho:

Se o sonho existe
Se viver é lutar
A vida só persiste
Em perder ou ganhar.

Se eu andar e cair
Se eu lutar e perder
Vou à frente, pois a vida
É ganhar ou perder
É perder e lutar.

Se o ódio me alçar
Se o amor me faltar

A batalha é a lida

Contra a morte da vida.

Se viver é ganhar

Se lutar é viver

Vale a pena vencer

Vale a pena lutar.

Inácia

Inácia foi uma guerreira
Disposta forte e valente
Uma mulher que na diária
Fazia linha de frente.
Morreu e deixou um filho
Com o nome de Vicente.

Quando Inácia morreu
Vicente ainda era pequeno
Era destemido e tinha,
gênio, coragem e destino.
Só a si falava a ser criminoso
e assassino.

Assim Vicente cresceu
Nessa mal inclinação
Com quinze anos de idade
Ele pegou uma questão
E no fim dela deixou
Oito sem vidas no chão.
Quando o pai dele soube
O chamou e exclamou a sorte
Chamou Vicente e disse
Mas antes que venha a ruína
Deserte e pise no barro
Pra ver se o mundo tem fim.

Vicente disse papai
Sou uma cobra valente
Sou mesmo é de uma raça
Que não se abaixa pra gente
O grande que neste mundo tem
Nunca temeu a ninguém
Mas como o senhor me pede
Vou lhe fazer os seus gostos.

Naquele momento então
Arrumou o seu matulão
Botou em suas costas
Levando com ele na mão
Um canivete, uma foice e um facão.
Vicente saiu e disse
Comigo não tem engano.

A tarde encontrou um velho
Com o bando do trabalho
Vicente ali em conversa
Pedi-lhe um agasalho.

O velho disse eu dou
Mas meu patrão é uma fera
Presente é esse moço
Pois assim é de devera
Para nós aqui tem tudo
O que faltar Deus intera.

Vicente e o velho
saíram conversando
Com meia hora depois
Vicente foi avistando
Uma chupaninha velha
Onde o velho estava habitando

Chegaram na tal choupana
O velho com atenção
Fez um jantar apressado
Chama Vicente e Gusmão
Jantaram os três
com a mesma indisposição.

Na hora do jantar lhe disse o velho
Você muito lhe deveu a sorte
Porque aqui nesta terra
Não se respeita homem forte
Pois aos pés destes caminhos
Pode se encontrar com a morte.

O velho disse a Vicente
Não pegue por brincadeira
O valente Chico preto
É uma fera da beira
Todo mundo aqui teme
A tal fera carniceira.

Que eu me lembre bem,
até o presente o momento,
aqui já morreu noventa e nove
Só falta um para os cem.

Vicente disse eu vou lá
Só pra apertar a mão dele
Se ele for forte mesmo
Serei forçado a dizer
Se já morreu noventa e nove
Eu completo os cem com ele.

No outro dia bem cedinho
Vicente ligeirinho
Pegou sua bagagem
E se despediu do velhinho
Seguiu a sua viagem
Em busca do mesmo caminho

Quando Vicente chegou
Na fazenda Floresta
Dirigiu-se a casa grande
De bota e chapéu na testa
Dizendo com seus botões
Sei que a hora é esta.

Bateu na porta
Ligeiro, Chico preto saiu fora

Chico preto saiu fora
com cara de cangaceiro
Olhou para Vicente e disse
Quem é você cavalheiro?

Vicente disse eu sou um moço
Sujeito desassombrado
Sou homem que na brigada
Nunca respeita o barbado
Porque mesmo eu sou de uma raça
Que não conversa fiado.

Tem serviço para mim
Vai me dizendo ligeiro!
Chico preto disse tem
Um trabalho de vaqueiro
Vicente disse eu só quero
Se der para ganhar dinheiro.

Chico preto muito apressado
Muito mais que empolgado
Ter um moço forte e valente
E também muito delgado
Mandou Mário depressa
Vai o mostrar o cercado.
E na volta ensine à ele
Como se trata de gado.

Mário andando saiu
Guiando a Vicente
Vicente diante daquilo
Já ia consigo muito ciente
Dizendo consigo mesmo
Hoje será diferente

Quando chegaram no mato
Lá no canto do cercado
Mário se volta pra trás
e diz cabra safado!
Agora vou te ensinar
Como se trata de gado.

Bateu a mão ao revólver
Atirou logo em Vicente
Vicente grita cabra!
Hoje a coisa é diferente!
Deu-lhe um tabefe na cara
Que ele engoliu um dente.

Tomou ele a arma
Descarregou ela inteira
Matou-o e saiu arrastando
por detrás da capoeira.
Foi deixa-lo pendurado
Lá na primeira porteira.
Voltou para a fazenda e disse

Enredo de uma novela...
Seu cabra foi me matar,
Mas caiu numa esparrela
Matei ele e pendurei
Lá na primeira cancela.

Chico preto ouviu a conversa
Daquilo teve pena
Disse ele com seus botões
É justo que a culpa condena
Mandou buscar o cadáver
Um tal Carlos Pena.

Carlos Pena saiu
Satisfeito por ser mandado
E Vicente ali ficara
Numa trama encostada
Como quem não era ele
Nem se dava por assombrado

Foi chegando um negro
Preto da cor de carvão
Que foi interrogar Vicente
Nesta mesma ocasião
Vicente lhe perguntou
Quem é você cidadão?

O negro disse não assombre
Saiba que sou o vigia
Vicente disse suma da minha frente,
Negro da cara de gia
Eu não sou macaco China
Pra precisar de espia.
O negro também gritou
Cabra safado e moleque
O cabra da tua marca
Pra mim não dar um café
Desta vez tu vai encontrar
A forma que dá em seu pé.

Vicente sem mais conversa
Partiu para o tal negro
Deu-lhe uma punhalada
Que lhe acertou a mão
O negro saiu correndo
Derramando sangue no chão

Quando Mário correu
Vicente gritou ligeiro
Meu colega Chico preto
Acalma o teu companheiro.

Chico preto sem ter mais conversa
Disse para Vicente
Comigo

Você não corre perigo
Basta você ir embora
Depois que almoçar comigo

Vicente disse eu espero
Porque sou desassombrado
E mesmo amanheci o dia
Um pouco necessitado
Se o senhor me der almoço
Eu ficarei...
Obrigado!

Chico preto disse entre
Se sente lá no salão
E Vicente ali entrou
Sem nenhuma objeção
Sentou-se numa cadeira
E ficou de prontidão.

Com dez ou doze minutos
Vicente ouviu um pagode
Eram dez cabras que vinham
Saltando que nem bode
Vinha um no meio
Com um palmo e meio
de bigode.

Pouco momento os cabras chegaram
Entraram para o salão
Contente Chico preto
Convida todos então
Pra sentar a mesa
Na hora da refeição.

Vicente logo ali falou
Para o chefe primeiro
Tenente eu só confio
Em nosso Deus verdadeiro
Podem almoçar na frente
Deixa eu por derradeiro.

No terminar do almoço
Tenente e os seus companheiros
Vão todos para fora
Chico preto chama Vicente
Pode almoçares agora!

Vicente pediu licença
Para entrar do salão
Não sabendo que ia
Passar a maior contradição
Foi almoçar e deixou
Os cabras com o patrão.

Quando ele chegou a mesa
Veio uma linda mocinha
Deixar o almoço pra ele
E voltou para cozinha
De lá sorria para Vicente
Como quem soltava uma linha

Vicente se apaixonou
Pela aquela linda mocinha
Procurou a saber
Aquele é Mariquinha

Vicente se levantou
e foi entregar o prato a ela
mas viu a outra
e se apaixonou
pela bela Florisbela.

Vicente disse mocinha
Desculpe o atrevimento
Quero saber se tu dá
Tua mão em casamento
Ela disse sim...
Naquele mesmo momento

Vicente com muita cautela
Rápido lhe fez um bilhete
Com frases lindas e belas

Depois com muita cautela
Dobrou e entregou a ela

Quando ela leu o bilhete
Correu e disse a Vicente
Não tenha medo que eu
Estou de tudo ciente
Comigo não tem engano
Porque meu pai é valente.

Vicente sem ter mais conversa
Partiu para perto dela
Agiu igual salamandra
Deu-lhe um beijo no pescoço
Que quase lhe tira a garganta

No terminar do almoço
Saíram todos para sala
Vicente chegando grita
Pronto meu patrão
Se quiseres alguma coisa
É esta a ocasião

Chico preto sem alongar a conversa
Comigo você não corre perigo
Ficará trabalhando comigo
Trabalhando de vaqueiro

Pra você aqui tem tudo
Roupa, calçado e dinheiro.

Vicente ali ficou arriado um pedaço
Falando com seus botões
É triste a minha desgraça
As filhas de Chico preto
Me deixou apaixonado.

Naquele mesmo dia
Vicente se arrumou
Quando foi onze horas
Ele se agasalhou
Foi buscar seu cavalo
E no momento selou

Selou muito bem e saiu
Prestando muita atenção
Foi esperar a mocinha
Um encontro no salão
Não sabendo que ia
Passar a maior contradição.

Ansioso com a demora
Estava impaciente
Quando uma voz ouve de repente
Chamando por Vicente.
Na manhã seguinte

Chico preto sente falta dela
Meu Deus cadê ela?
Minha flor, tão bela,
Vicente saiu fugindo
E carregou Florisbela.
Enquanto mundo for mundo
Enquanto vida tiver
Por dinheiro, sonho nem tanto.
Família, o maior tesouro,
Pela família sempre lutar.

(Simône Gomes dos Santos)

Cibelinda

Estava cantando numa festa
Na fazenda Boqueirão
Quando me chega uma tropa
Me dando voz de prisão.

Sai por ali assim
A procura de um capão
Encontrei quatro mulheres
Carol, D.Chiquinha
Cícera, D. Isabel

Carol e D. Chiquinha
Com a imagem do Senhor
Cibelinda você se entregue
Pelo leite que mamou.

Sai por assim
A procura de capão
Encontrei um coronel
Um major e um capitão
Sem haver o que fazer
Sem pensar sem imaginar
Joguei minhas tralhas abaixo
Mande a tropa amarrar.

Medo de mim tiveram,
E não quiseram encostar

Cibelinda tem ferro

Pode até nos matar.

Sem o que haveria de fazer

Sem pensar, sem imaginar

Tirei eu, as vestimentas,

O corpo pude mostrar.

Viram que eu não tinha ferro

Chegaram a mim encostar

Amarrem bem, segurem

Para não deixarmos escapar.

Amarrem bem, segurem bem

Aproveitem e me dão carona

Depois não fiquem dizendo

Cibelinda é uma fujona.

Apanharam-me e me botaram

Em cadeias do Xingusão

Cambrion nos meus pés

E as algemas em minhas mãos.

Quando cheguei em São Félix

Minha mãe já estava lá

Adeus minha filha, linda

Olá, minha mãe, como está?

Eu bem te disse minha filha
Que tu não se aprendesse a cantar
Minha filha, sua sorte não é esta
Fortuna Deus é quem dá.

Enquanto mulher parir
Alguma mulher nascerá
Agora é se de saber se cantiga valerá.

Enquanto mulher parir
Sempre M.U.L.H.E.R nascerá
E haverás de sempre ver
que não param de lutar.

Chiquim tua roupa limpa está
Pra que tu possa viajar
Nem que tu vá ao fim do mundo
Eu quero Cibelinda cá.

Pegue esses dez contos de réis
Pras coisas dela comprar
E se o dinheiro acabar
Volta pra trás a buscar.

Alguém ali dissera
Que eu não sabia nadar
Me pegaram
E quiseram, dentro do rio me jogar.

Tinha meu patrão Chiquim
Que vinha me acalantar
Cibelinda cale à sua boca
Que tu vais tornar voltar.

Pensaste que foste
Aceita neste mundo cá?
Música, dinheiro e fama
É para homem mandar.

Enquanto mundo for mundo
Mulher eu sempre serei
Enquanto luta, for luta
Por meus sonhos lutarei.

Igualdade, oportunidade
Não importa a idade
Não serei vencida
Pelos atos de “pessoas”
cruéis dessa vida.

(Simône Gomes dos Santos)

A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA

Luiz Otávio Oliani

A SALVADOR DALI

nada nos pertence:

a vida é empréstimo

Deus não cobra

juros divididos

o homem

acerta contas

consigo mesmo

nesse juízo

de altos preços

sobra apenas

o legado

com que se sonha

e, se tudo rui

no desmoronar do corpo,

o que ficará?

num canto da casa

o escritório

a biblioteca

o livro de poemas

A natureza

A natureza é a mãe da beleza,
Por que o homem faz tanta malvadeza?
E é dela que tiramos o sustento e o pão!
Por que o homem faz tanta destruição?
A natureza é o habitat natural,
Por que o homem faz tanto mal?
É dela que retiramos nossas riquezas,
Por que o homem não a cuida com gentileza?
O ar, as plantas, a água e o que você no horizonte possa visualizar.
E por que o homem não busca cuidar?
Quisera Deus e os homens de boa fé,
Que a humanidade cuide da natureza,
Do jeito e da harmonia entre açúcar e café.
Até por que a sintonia é quem vai deixar ambos firmes e de pé!

(Evilásio Celestino)

Por que vale a pena lutar nessa vida?

Pelo leite derramado no chão?!

A moradia que faltou a cada cidadão,

Como viveríamos sem saúde e educação?

E a comida na mesa de cada cristão?

Vale a pena sim lutar pela vida,

Buscar alento para as feridas e cicatrizes,

Conforto para as pernas no pedido de repouso,

Tomar banho de chuva e apreciar cada gota de água,

Jogar pedra na casa do maribondo e sair correndo,

Vale a pena fechar os olhos para os erros e dizer que é natural?

Alguns dizem que é normal,

Essa vida feita de baixo e alto astral!!

Vale a pena lutar por um amor do passado?

Mesmo diante de idas e vindas nesse chão rachado,

Ó dias de lutas, dias de glórias,

Dias de tristeza e melancolia, mas também de vitórias,

Vale a pena ser fiel, ser honesto e sensato,

Vale a pena ser amigo mesmo um pouco pacato!

O amigo que partiu ,

A flor que caiu ,

Vale a pena ,

Não deixar que sua vida no oásis se esvaiu!!!

(Celestino)

O Amor e os Átomos

Os átomos que juntos se queixam
destinados possivelmente a um meio e um fim
não amam o momento
mas esperam o casório
do triste e fim encontro
nos ares, de indas e vindas,
formando uma nova unidade.

Os átomos que as moléculas se pintam
regozijam no encontro alucinado
formando uma nova unidade
deste Composto de elementos combinados.
Molécula do amor, verdade dos apaixonados:
elementos quimicamente combinados.

Fabio M. Silva



Cordel

Vale realmente a pena lutar nessa vida?

Será que vale esperar
Por alguém que não me deu
O valor que eu merecia,
Sem nem ligar se doeu
Quando se foi me deixando,
Nem o que depois ocorreu?

Valeria mesmo a pena
Esperar por quem não vem?
Só porque nós desejamos
Ou porque queremos bem
Sem saber do sentimento
Que o seu coração contém.

Valeria ainda a pena
Conservar a esperança
De que um dia eu serei
Feliz qual uma criança
Ao conseguir conquistar
Uma vida leve e mansa?

Vale mesmo a pena a vida?
Pergunto-me todo dia.
Se a vida for bem vivida,

Diria que tem valia.
Mas o que me vale a pena
Para o outro, valeria?

Eu acho que vale a pena
Lutar com garra e vigor
Por tudo que vale a pena,
Principalmente o amor
Da pessoa a quem amamos
Ainda que cause dor.

Vale muito a pena rir
De bobagens vez em quando;
Também rir das coisas sérias
Que estejam ao seu comando.
Pois só assim conseguimos
Ir pelo mundo passando.

Vale a pena ser amigo;
Vale a pena perdoar;
Vale a pena divertir-se;
Vale a pena festejar
Com a família e com os amigos.
E vale a pena abraçar!

Ajudar quem necessita,
Vale muito a pena, sim!
Vale a pena ser feliz
Para você e pra mim.
A vida, em si, vale a pena!
Do começo até o fim.

E se lutar nessa vida
Vale a pena? Como não?
Sem luta a vida não tem,
Em si, nenhuma emoção!
Para viver bem a vida
Só com uma luta renhida
Onde manda o coração.

Rosa Regis



Contos

GOTA D'ÁGUA

Aglacy Mary

Mali tinha sete anos e morava no alto de uma ladeira de pedras, de onde podia ver sua cidade inteirinha. À noite parece que daquele lugar era possível enxergar todas as luzes do mundo – as do céu e as de baixo. Mali via todas com o queixo apoiado sobre as mãos cruzadas no parapeito da janela de seu quarto.

A menina não podia ficar debruçada em seu privilegiado mirante por muito tempo. Logo nos primeiros claros do dia, tinha a tarefa de costume.

O galo cantou em algum lugar do morro, e Mali saiu de casa com uma blusa comprida de mangas três quartos, uma calça de linha, um par de tênis com meia, meio pão na mão direita e uma corda na esquerda. A outra ponta da corda amarrava um tonel vazio que ela deixava rolar ladeira abaixo, dando mais ou menos corda conforme as novidades do caminho. Enquanto descia, ela chutava pedrinhas e cantarolava trechos de uma cantiga de roda. Depois da segunda curva da descida um bocado íngreme, Mali encontrou os meninos de sempre. Eles ameaçavam tomar-lhe o pão, mas desistiam diante da cara enfezada que a pequena exibia e da fama de ter tirado sangue da testa de um garoto mais velho. Na verdade, o sangue aconteceu, mas foi por puro acidente. O importante é que a fama da menina pegou. Já na última curva, apareceu Valente. Não, não se trata aqui de outro menino com mania de briga. Este tinha um pelo bem ralo, nariz comprido, rabo curto do tipo toquinho mesmo. Era um vira-lata que vez ou outra ficava solto na rua e por quem ninguém daria nada se não fosse a coleção de suvenires que ele tinha feito de tanto alcançar desavisados que passavam à sua porta. Valente desafiou a coragem de Mali, Mali confirmou a ousadia de quase sempre. A menina fez de conta que o bicho não existia e, altiva, desfilou pela porta da fera, que acompanhou o seu passar, admirado como um súdito ao ver sua rainha pela primeira vez.

Mali chegou à torneira do Beco 5, uns trezentos metros depois do pé da ladeira. A fila estava pequena ainda, com somente doze à sua frente. O dia já estava realmente claro quando chegou sua vez. Ela não encheu o tonel porque não podia. A fila que se formara desde que chegou ao beco não permitiria isso, e ela mesma não conseguiria puxar o tonel cheio ladeira acima, curva após curva.

Agora ela voltava e já sentia o peso da carga antes mesmo do início da subida. Torcia para que Valente já tivesse sumido do seu caminho, mas sua torcida foi vã. Ele não só estava como rosou ao vê-la puxando aquela coisa e olhando de banda. Hora de planejar uma estratégia. Sim! Passar esticando a corda até se distanciar da pequena fera e depois, aí sim, puxar o tonel. “Tolice!” Resolveu enfrentar logo a situação do modo mais comum. Valente acompanhou a cena e se comportou como um bom totó. Ufa!

Agora a heroína faltava apenas vencer as pedras e as curvas da ladeira, desta vez numa subida e com um peso digno dos músculos do pai que não tinha. Ela chegou ofegante ao portão de madeira. Ofegante, suada e vitoriosa. Deu mais uns puxões na corda, pondo o tonel para dentro. No último puxão... opa! quase ergueu o peso, que voltou ao chão encontrando uma pedra que fez saltar a tampa do vaso. Posicionado num declive, o tonel deixou fluir a água numa velocidade maior que a condição que Mali possuía de sair do estado de perplexidade, para tentar evitar o pior. A água se foi. Até a última gota. A menina foi também. Ladeira abaixo, outra vez, de curva em curva, até o Beco 5.

SOB OS ARCOS DE ÍRIS

“And I think to myself, what a wonderful world”.

Louis Armstrong

O crepúsculo chegava acanhado naquele fim de tarde e penetrava lentamente pelo concreto do edifício, esgueirando-se pelo pequeno vitrô instalado no alto da parede da salinha de costuras. Uma breve harmonia entre uma clareza mansa e a escuridão se operava por sobre as máquinas, os tecidos, atingindo os dedos finos de Íris, concentrada na derradeira peça do dia. Quando a última faísca de luz ultrapassava a máquina por completo sabia que já era hora de partir.

Íris então levantava a fronte rebaixada para o relógio marrom da parede à frente e iniciava os rituais de encerramento de mais um dia. Trabalhava há três anos na pequena fábrica familiar de costuras e por ser tão delicada e detalhista nos acabamentos das roupas ficava tão só encarregada de passar as últimas costuras, botões, bolsos e ajustes.

Já se sabe que era uma fábrica pequena, com poucos funcionários. Íris ficava sozinha na saleta dos fundos para ter o rendimento mais vigoroso. Entre ela, a costura e o mundo erguia-se uma redoma invisível que a distanciava de tudo em volta no período do trabalho, só vindo a ser transposta pelo crepúsculo, hora em que o sol poente conseguia atingi-la e despertá-la do transe, como um feitiço desfeito pelo beijo apaixonado.

Íris levantava-se, fechava o vitrô, desligava a máquina, trancava com força a porta que vivia a emperrar-se e despedia-se dos patrões com aquela voz mansa e quase imperceptível; dir-se-ia até que parecia perder a tonicidade por tanto tempo que se mantinha em silêncio. As demais funcionárias, por ficarem em salas mais expostas e movimentadas, acabavam sempre saindo mais cedo.

Ao transpor o último portão da pequena fábrica, já escurecendo, caminhava apressadamente até o ponto de ônibus mais próximo: noventa e seis passos percorridos sobre calçadas desalinhadas e sem curvas. Era o momento do dia em que começava a sentir uma espécie de congestionamento nasal. O ar parecia sufocá-la, a boca ficava seca e os olhos em pouco tempo começariam a incendiar quando a fumaça dos carros chegasse até eles. Quem a visse por estas horas, diria que estava chorosa ou doente. Mas nesse exato momento, não lhe cabia pensar em coisa alguma que a entristecesse, lançava a atenção para qualquer detalhe inosso do que se colocava à frente daqueles olhos castanhos avermelhados: uma latinha de refrigerante solta na rua, casal de namoradinhos adolescentes, centenas de folhetos pregados no ponto de ônibus, incluindo aulas de karatê, rodízio de pizza e consultas a cartomantes misteriosas em endereços fora do mundo.

O ônibus geralmente não custava a aparecer, com frequência surgia lotado logo após Íris lançar o segundo espirro naquela espera modorrenta. Era o momento em que o corpo de Íris era bombardeado por toques, empurrões e cheiros vários que a sufocavam ainda mais. Nesse balançar, em movimentos abruptos e descompassados, aos poucos se ajeitava no meio da multidão com esperanças de achar lugar em que pudesse sentar, coisa rara de acontecer no primeiro momento. Olhava em volta e tentava adivinhar quem seria a próxima pessoa a saltar e ficava atenta para cobrir o espaço que ficasse vago. Normalmente tal luxo só acontecia após uns vinte minutos de corrida.

Agora sentada, com o vidro embaçado e sujo da janela lateral, respirava mais calmamente. O

sufocamento abrandava, dir-se-ia que os pulmões iam se acostumando ao ar carregado e agora já dançava feliz, mesmo estando na lama. A vida de Íris parecia em suspenso nesta hora do dia, nenhuma reflexão existencialista, nenhum planejamento na cabeça, nenhuma luz nos olhos. A paisagem corria entre as esquinas e avenidas e pareciam se repetir, a cada semáforo ultrapassado, através daquele vidro sujo. Uma brisa quente atrevia-se a entrar pela pequena abertura juntamente com a noite e as luzes artificiais.

Com o vermelho nos olhos, dentro daquele silêncio particular que brota de nossa desatenção a qualquer rumor que esteja a nossa volta, uma música que parecia vir de outras eras se fez ouvir, subjugou os rumores metálicos, as conversas misturadas, os arrufos do motor... A canção ressoava baixinho e triste por cada passageiro, cobrador e motorista; fez-se dominante por três minutos durante os quais nada mais havia entre Íris e a composição que brotava das engrenagens cinzentas do ônibus. O ritmo lento, cadenciado feito uma valsa solitária de dois amantes sob as estrelas, a voz grossa do cantor tão penetrante gritava mansamente como o mundo era maravilhoso e como as cores reluziam em tudo: nas rosas, no arco-íris, no céu, nas crianças.... Ela não saberia dizer de quem era aquela voz, mas aos poucos lembrou-se de já tê-la escutado e de trechos da tradução do inglês para o português... Alguma coisa lhe ficou, afinal, dos estudos...

Olhava agora em volta e percebia o quanto de vida pulsava a seu redor. Estudantes carregados de livros em conversas sorridentes, um senhor com um embrulho gigante nas mãos. Pelo colorido do papel e pela forma, certamente seria uma boneca para alguma menininha que a essa altura nem desconfiaria de receber o tesouro infantil. Uma bela mulher com vestido estampado de flores e chinelinhos entrededos.... Uma multidão que se acotovelava e mantinha-se unida num meio de caminho da vida, em horas que por certo seriam esquecidas e não fariam parte dos livros de memórias.

Passados os cinquenta minutos de viagem, era hora de saltar. A dor costumeira dos joelhos sempre se intensificava nessas horas. Muito tempo sentada a deixava com os músculos desajustados. Prosseguia por uma rua estreita até chegar a uma vilazinha de casas que se repetiam nos modelos e até mesmo na tonalidade dos portões, sempre brancos.

O barulho que o portão fazia quando aberto era o som por vezes mais esperado durante todo o dia, acompanhado com frequência pelo aroma do café que vinha da cozinha, o tilintar de pratos e por vezes da televisão. Todos esses sons juntos compunham a orquestra da vida particular de Íris. Encontrava a sua espera os pais, já percorrendo a velhice, sempre a conferir o relógio e o semblante da filha única. Conversas rotineiras se repetiam. A noite agora começava.

Mas muito ainda havia por ser feito antes da noite findar... Íris, mulher feita de trinta e sete anos, corpo delicado, leve e com algumas cicatrizes na pele, costumava trabalhar como babá dos vizinhos mais ricos da vila. Após o café, tomava um ligeiro banho, vestia uma roupa apresentável de moletom amarelo e dirigia-se para a casa 211 localizada ao final da pequena rua. Os pais repetidas vezes a questionavam da necessidade disso, afinal, ela já trabalhava o dia inteiro naquela fabriqueta e ainda se aventurava em cuidar de criança alheia e mimada.

Íris prosseguia no seu intento deixando os resmungos atrás de si. Caminhava novamente carregada por joelhos trôpegos em direção à residência elegante de Félix e Eduarda. Os dois, com a mesma faixa de idade de Íris, frequentemente saíam como namoradinhos nas noites de verão para compensar as longas horas de trabalho e confiavam à vizinha o cuidado com a filha de sete anos.

Chegando ao seu destino, iniciava-se uma conversa trivial entre os três adultos tão diferentes entre si; a garotinha chorava escandalosamente, fazendo birra e se jogando ao chão por ter que ficar em casa e não raras eram as perguntas invasivas que Felix lançava com desdém até a babá ocasional conhecida por ele desde a juventude, enquanto a mulher terminava de colocar os brincos e de se desvencilhar dos agarramentos da filha aos seus pés:

- Então, Íris, quando se casa novamente?

- Ainda trabalha na fábrica de roupas? Qual o nome mesmo?

Tais perguntas, feitas sem atenção alguma, eram basicamente movimentos automáticos e secos que preenchiam os breves espaços vazios da conversa antes da partida. Sumindo os pais de vista, a garotinha enxugava o rosto e lançava um olhar mais doce à companheira. O espetáculo agora não mais faria sentido. Era uma menina franzina para seus sete anos, pele quase transparente de tão branca e cabelos castanhos escorridos até o meio das costas. A primeira coisa que fazia era perguntar, apesar de saber a resposta:

- Hoje tem história?

Unidas as duas, saíam de mãos dadas pela noite. Íris a levava para a própria casa, passavam novamente pelo portão branco, cruzavam a sala onde os velhos pais assistiam televisão e cochilavam, chegavam até a cozinha e da cozinha transpunham a última porta antes do quintal.

Era um quintal meio pequeno, o cimento se alastrava a cada dia, parecia ter vontade própria, diminuindo o espaço de terra disponível. Esse espaço vivia em constante ameaça de ser aterrado por concreto, sendo defendido pelas garras ferinas e finas da mulher de trinta e sete anos. Era a parte da casa mais bem cuidada e trabalhada por Íris quando estava presente. Desde que voltara a viver com os pais, depois de um segundo casamento naufragado e sem qualquer fruto, que contaminou todos os seus sentimentos ingênuos, lançou àquele lugar um olhar de sonhos e projetos. Comprou alguns ferros, organizou-os em arcos espaçados e aos pés de cada um fez uma plantação de flores trepadeiras, principalmente lágrimas de cristal, a florzinha branca com o detalhe vermelho a encantava desde menina. Além dela podia-se ver com destaque até mesmo um maracujazeiro que atraía beija-flores com o perfume inebriante de flores misteriosas, complexas e tristonhas. Era um lugar colorido e cheio de aromas que a levava para longe, bem longe dos remorsos, das dores musculares e das picadas de agulha nos dedos finos.

Abaixo desses arcos espaçados, colocou com cuidado maternal uma larga espreguiçadeira que nas noites mais estreladas ficava reclinada quase totalmente. As duas sentavam juntas como almas irmãs e contemplavam dali o fino e delicado encontro das flores com as estrelas. A menina ouvia histórias recontadas por séculos, imaginando cada cena naquele imenso painel florido e cintilante... Até entrar em sonhos profundos, não saberia por certo em que paralelo mundo fora cair.

Quanto a Íris... abraçada à pequena e frágil amiga de sete anos, permanecia em estado de contemplação silenciosa.... Redesenhava na memória os caminhos percorridos, os hematomas que carregava dos romances naufragados em águas profundas, o peso nos ombros dos sonhos esquecidos e negligenciados, as ausências a cada dia mais frequentes dos amigos e as dores nos joelhos... Mas dali, abaixo daqueles arcos floridos, conseguia ver o infinito... Encarava a beleza do universo organizada detalhadamente e cuidadosamente pelas próprias mãos...tocava o céu com seus dedos finos... e a vida inteira...a vida de todos...a vida, ganhava

sentido, encanto e aromas indecifráveis, inebriantes...

A noite caminhava brandamente e os olhos de Íris, antes vermelhos, agora refletiam as estrelas...

Maíra Estela Santos



Contos Infantis



Danda

O menino do vale a pena lutar

Rosângela Trajano

Era uma vez um menino
Meio sapato meio uva
Que vivia a se perguntar
Se realmente valia a pena
Lutar nessa vida

Ele tinha muitos problemas
Mesmo tão pequenino
Dever de casa complicado
Continhas as mais diversas
Balé para dançar
Com sapatilhas emprestadas
Cachorro para cuidar

Mas o menino assistia
Na rua a televisão
Tanta gente morrendo
Nas mais diversas guerras
Que apavoram o coração
O menino percebia também
Muito assustado, tadinho
Os políticos do seu país
Roubarem até o seu pão

E assim ficava pensando
Quando ia dormir
Abraçado ao seu ursinho
Vale realmente a pena lutar
Nessa vida difícil

O menino achava tudo estranho
Até mesmo o seu calção
Com o bolso descosturado
Parecia ensinar-lhe a lição
De que não se deve ter ambição
Pelas coisas que nossas não são

Vale realmente a pena lutar
Nessa vida cheia de porquês
A gente não pode na rua brincar
Nem na janela se colocar
Para ver as estrelas e o luar
Que tudo isso é perigoso
Uma bala perdida pode
A vida nos tirar

Onde o menino morava
Havia um pé de jabuticaba
Casas de papelão
Dos seus olhos saíam

Lágrimas de montão
Quando a guerra não deixava
Ele brincar de ser leão

Era incompreendido o menino
Nas suas indagações
Queria saber se o mundo
Estava pelo avesso
Ou de cabeça para baixo
As pessoas não se falavam
Andavam apressadas
E os melões morriam de sede

Vale realmente a pena lutar
Por uma vida sem brinquedos
Quando se mora numa casa
Que se chover as paredes
Vêm ao chão
Sem telhado e portas
Perto do avião
Que passa lá no alto
Parecendo um trovão

O menino não tinha certezas
No seu pensar curioso
Se valia realmente a pena lutar

Para viver daquele jeito
Sem sapato para ir à escola
Sem sabonete para se banhar
Isso era coisa pouca, pensava ele
Maior era a sua fome
Pois não tinha feijão e arroz
E vivia de comer camundongos
Com pão duro doado por João

A gente não sabe nunca
Como é a vida de um menino
Que mora num barraco
Feito de papelão
Sem cobertor para o frio
Mas que dorme feito anjo
E pela manhã vai todos os dias
À escola estudar
Aprender a lição
De que é preciso lutar
E sempre duvidar de tudo
Até se vale realmente a pena
Lutar nessa vida por um
Pouco de imaginação

Como enxergar numa nuvem
Um elefante ou dragão

E querer correr atrás dela
Até se cansar de montão!



Danda

A menina perdida

Há uma menina esquecida.

Todos a procuram sem a encontrar.

Dizem que se perdeu nas ruas ou talvez esteja encarcerada em algum lar nas vielas, nos recantos do mundo, perdida, uma menina pequena indefesa, sem saber o que fazer.

Outros dizem que a menina foi invadida pela guerra nalgum lugar perdido no mundo, e padece de fome, de sede e frio.

Ou talvez esteja refugiada em algum lugar que ninguém sabe onde.

A menina pequenina é procurada noite e dia por pessoas calorosas de se sentirem boas. E, fazendo o bem, vão em busca da menina. Acendem uma vela, fazem uma prece, viajam em sua busca, em lembranças de infância, em pensamentos cheios de esperança, buscam encontrá-la no mar do esquecimento.

Onde andará a menina?

Dizem os mais velhos que a menina vive à noite olhando as estrelas em algum lugar solitário.

Outros dizem que ela deve ter se escondido numa floresta e brinca em cima das árvores com os passarinhos.

E lá se vão as pessoas à sua procura, mas tempos depois retornam de mãos vazias. E bradam: - Talvez a menina não exista!

O certo mesmo é que nunca ninguém chega a uma conclusão!

E compram, vendem, bebem, comem, viajam, escrevem, namoram, casam, têm filhos vivem em busca de suprir a falta da menina. Ano após ano, fazem promessas para, ao encontrá-la, deixar que ela viva entre eles amada, e cuidada para que nunca mais se perca. Sempre assim: ano após ano, listas de boas maneiras e mudanças de vida, rituais, tudo para ter a sorte de encontrar a menina e mudar o mundo.

Contudo, um sábio que ninguém ouve sabe onde se encontra a menina. Mas as pessoas andam tão desesperadas e preocupadas na sua busca desenfreada que não param para ouvi-lo.

Eu o ouvi dizer que a menina perdida está mais perto do que todos imaginam... A menina se chama PAZ e mora dentro de cada um de nós. Basta deixar a voz da consciência falar, ouvir o coração, e chamá-la com brandura:

- PAZ, vem cá?

Ao se pronunciar seu nome algumas vezes e quando estiver atento a tudo que está ao seu redor, quando você se colocar no lugar do outro e fizer o bem sem querer nada em troca, a menina aparecerá e começará a crescer...

Lembro-me de uma sabedoria antiga que diz:

“Onde há paz, há amor. Onde há amor, há Deus. Onde há Deus, nada falta.”

Paula Belmino



Crônicas

A BOLSA

Aglacy Mary

O supermercado estava cheio. Parece que, em tempo de quaisquer vacas, gordas ou moribundas, aquele ambiente imantado atrai todo metal que carregamos em nossas carteiras. A realidade de poucos caixas abertos fazia com que as pessoas se apressassem para chegar à fase final da tarefa, imaginando que, quanto mais demorassem mais risco haveria de serem as últimas de uma fila que crescia.

O relógio já corria para alcançar a hora da novela dela, e isso a apressara de modo que dispensou o carrinho de compras na entrada. “Carrinho pra quê? Levo só umas besteirinhas hoje”, planejou a moça consigo mesma. Tez branca; cabelos castanhos provavelmente de alguma tintura e lisos certamente de alguma escova; olhos amendoados; lábios carnudos bem rosados, de um rosa acentuado por um gloss generosamente aplicado. Passeou objetivamente pelos corredores da loja. Um par de sandálias para os pés, que me pareceram um tanto inchados; um ovo de Páscoa daqueles grandes e de preço constrangedor; uma tábua de frios; um queijo francês que uma amiga minha chamaria de queijo estragado; duas escovas de dente; um frasco de enxaguante bucal; um esmalte vermelho tango; uns olhares ao redor, para talvez notar alguma nova necessidade.

A fila se estendia para fora do corredor de pequenas compras e atingia a seção de vinhos, o que a fez lançar mão de uma garrafa que me pareceu um Luis Pato e me fez sentir saudade de um lugar onde não estive. Enquanto a fila andava, ela fazia algum malabarismo para equilibrar os produtos que queria levar mais a bolsa com que entrara — uma daquelas invenções que a mulher não consegue pendurar no ombro.

Ele vinha observando seus movimentos desde a seção de higiene e cosméticos, quando ela quase derrubou o esmalte. Ali começou a vislumbrar algo. Era bem moço ainda, talvez recém-saído de uma escola de Ensino Médio. Cabelos curtos e bem cuidados; calça jeans escura, camisa de malha bem assentada em seu tronco comprido; sorriso largo, porém raro. Outro rapaz o acompanhava, e os dois trocaram algumas palavras enquanto o primeiro olhava a moça já na fila, a bolsa mal colocada numa das mãos, deixando expostos vários bolsinhos supostamente protegidos por fecho éclair. Ele se adiantou à posição dela sob o pretexto de alcançar um item qualquer numa prateleira mais à frente dos dois. Notou que ela estava indefensável com aquele pequeno amontoado de coisas. O modo como segurava a garrafa de vinho, presa entre o antebraço e o peito esquerdo, era garantia de que a bem jovem senhora teria pouca reação caso fosse abordada. Ela, entretanto, sentia-se segura naquele lugar onde todos pareciam providos de meios de pagar suas mais sofisticadas compras — até mesmo rapazes tão jovens. “Hoje em dia até criança já carrega um cartão no bolso”, pensava ela enquanto, num relance, notou o garoto atento, mirando especialmente sua bolsa. Inquietou-se.

Dali até os dois minutos seguintes, ela viveu uma eternidade de desconforto. Em vão tentou redistribuir os objetos em suas mãos e garantir a segurança da bolsa. “Não seria melhor fazer algum barulho e chamar um segurança? Mas onde eles estão mesmo? Quem diria que aqui dentro alguém correria um risco deste tipo? Pensando bem, ele não será louco de tentar qualquer coisa. Seria preso uns dez passos adiante, certamente. Pelas próprias pessoas da fila. Devo despreocupar-me enquanto estiver aqui. Mas e a saída?” A mulher começou, então, a atormentar-se em planos para o deslocamento até o carro, no estacionamento do supermercado. “Só me afasto do caixa com um guarda”. Estava decidido.

Quando praticamente voltava à calma, notou que o rapaz se afastara e agora retornava à fila, espremendo-se entre as pessoas, que pareciam não querer dar-lhe passagem. Ele continuava vindo, ela sem iniciativa, ele se aproximando, ela se desesperando. Até que ele chegou. “Que coragem!”, a moça quase exclamou em voz alta e virou totalmente de costas para o início da fila, mostrando ao garoto que estava bem atenta ao seu movimento. Ele, porém, não se intimidou. Colou nela, prendeu uma cestinha de compras em sua mão direita e disse: “Melhor colocar suas coisas aqui, moça”. Na saída, cada um seguiu seu rumo. Ela tem um “muito obrigada” preso na garganta até hoje.

Meu pai, meu rio

Estava adiante de meu pai, meu maior presente, até seu último suspiro.

Ele se fez presente na vida até aquele momento: em seus conselhos, em sua luta pela vida, e até mesmo na quietude em que se encontrava nos últimos tempos. Tudo perpassava seu modo reflexivo e próprio de ser, deixando com cuidado e afincado suas mensagens.

E foi ali, na minha frente, que suas marcas de expressão se aliviaram: seu olhar se esvaziou, sua atenção já não mais se sustentava, e a rouquidão de sua voz suplicou-me seu último pedido: “Cadê a Fê?”. Chamei minha irmã às pressas para o último adeus. Conseguimos, cada uma de um lado da cama, dizer a ele o quanto o amávamos. Estávamos ali, às margens do nosso rio.

Há uns meses, eu já não me apegava tanto às palavras, estava tentando ajudá-lo naquela passagem, por meio da meditação, do controle mental e da respiração. De que adiantavam palavras belas? Só queria aliviar seu sofrimento e tentar elevar sua condição existencial.

Naquele dia, o aparelho hospitalar zerou e minha irmã me alertou. Paradoxalmente, os números voltaram a subir, já no último fôlego. Segurei sua mão. Tudo parecia estar chegando ao fim naquela última inspiração: seu corpo esfriou, lágrimas rolaram, perguntas ficaram.

Incrivelmente, eu estava bem. A gratidão preencheu qualquer vazio que aquela situação poderia me causar.

As lembranças ainda reverberam. Vivo-o ainda dentro de mim, na plenitude da minha essência, perpetuado pelas experiências. Nossas semelhanças e diferenças me ensinaram a reconhecer-me singular, e me impulsionaram a dar continuidade onde eu costumava parar. Enquanto eu me questionava e duvidava de mim, ele insistia em acreditar e afirmar, com brilhos nos olhos e voz firme, que eu continuasse a semear minhas verdadeiras marcas: escrever e palestrar. “Acredite nisso, ou eu não me chamo Luiz Monteiro”. E brincava: “ela é psicóloga de verdade”.

É nesse propósito da comunicação que sustento a minha luta pela vida.

Cristina Monteiro

Afinal, pelo que vale realmente a pena lutar nesta vida?

Esta pergunta é existencial. É complexa e simples ao mesmo tempo. É temporal. Aos 15, aos 25, aos 50 anos, sejam lá quantas dezenas de anos a mais ou a menos, ela adquire diferentes tonalidades. É existencial porque lutar é inerente a experiência de existir (é experiencial). Foram muitas as respostas que eu encontrei para esta pergunta. E após atravessar o desfiladeiro de meus pensamentos, esmiuçar cada uma delas, montar uma equação dos anos vividos, digo que é PELA VIDA que vale a pena lutar nesta vida. Para viver e sentir a presença DIVINA em cada detalhe do cotidiano.

Vale a pena lutar nesta vida

Para ver o renascimento todos os dias

Para encontrar vida nos detalhes mais ínfimos do cotidiano

Para vê-la brotar de onde havia nada (o homem não conseguiu reproduzir vida do nada)

Para lembrar que Deus está presente no pistilo da orquídea

Para ouvir a música mais perfeita brotar da natureza

Para ver um ser humano renascer da própria morte

Para ver um bebê se curar mais rápido porque sua mãe está ali

Para sentir a vida no ventre

Para saber que o leite materno é o alimento mais perfeito (e não pode ser reproduzido)

Para se conectar com Deus

Para aprender a ler seus sinais

Para amar, amar e amar.

Glória Góes

O QUE VALE A PENA

Por José de Castro*

*“Lá onde o sol morre,
ele também está nascendo.*

Tudo o que se acaba gera um novo começo.”

(JC)

Vivemos num mundo capitalista, tecnológico e competitivo. Um mundo digital, virtual. Hoje, tudo é permeado pela tecnologia. Tudo está à nossa mão e, ao mesmo tempo, nos escapa pelo vão dos dedos. Tudo está perto e, ao mesmo tempo, longe. Temos muitos amigos virtuais. E poucos amigos de verdade. Tudo gira em torno do dinheiro, em torno do ter. Somos o que temos. Ou aquilo que parecemos ter. Vivemos num mundo de aparências. Onde se vende de tudo. Inclusive ilusão e falsa imagem. Estamos na era dos marqueteiros, dos fabricantes de ilusão. Todos os dias, come-se “gato por lebre”. E vivemos cercados por um mundo do faz de conta. Não dos contos de fadas, que esses sempre nos encantaram. Mas do faz de conta que você precisa do que não precisa. Pois aí está a era do consumismo. Do efêmero. Um mundo em que nada é para sempre. Nem os objetos, nem os sujeitos. Muito menos os relacionamentos. Troca-se de marido e de mulher como se troca de roupa. As famílias são voláteis. As uniões se dissolvem feito algodão (doce?) amargo na boca. Todo o mundo é obrigado a saber de tudo, ou pensar que sabe de tudo, mesmo que ignore a maioria das coisas. “*Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.*” Como diria Guimarães Rosa. Mais que Freud, os sites explicam tudo. O Google sabe mais de você do que você mesmo. O facebook é quem dita as suas amizades, diz quem você pode curtir, quem você precisa excluir ou compartilhar. O seu círculo de amizades é quantificado, medido, avaliado, sugerido. O tempo todo você é vigiado pelo “grande irmão”, o *big brother* de que nos falava Orwell na sua obra “1984”. Não há como escapar da grande teia, que nos emaranha, nos envolve, nos abraça.

Então, depois de se refletir sobre tudo isso, variáveis, tendências e modismos dos tempos atuais, depois de colocado esse cenário, pergunta-se: “*Afinal, pelo que vale realmente a pena lutar nesta vida?*” Esta é uma pergunta aparentemente fácil. Mas só na superfície. Começamos pensando naquilo que NÃO vale à pena.

Primeiro, não vale a pena se lamentar. “*Ah, que eu queria estar em outro mundo, noutra tempo. Ah, como era bom o meu tempo de criança. Ah, como seria bom se o mundo fosse assim, se o mundo fosse assado. Quem me dera se...*” E começamos a lamuriar e a nos refugiar em tempos passados ou a nos projetar para tempos futuros. Nada disso vale à pena. Nem conjecturar: “*Ah, se eu tivesse pensado melhor, se eu tivesse escolhido um curso melhor, uma profissão melhor... Ah, se eu não tivesse me casado... Ah, se eu tivesse ouvido os conselhos da minha mãe... Ah, se...*” e você desfia um enorme rosário de lamentações. Um eterno tempo do “se”, um condicional de tudo aquilo que pensou ter perdido devido a essa ou àquela escolha que fez. E depois ainda tem a coragem de dizer: “*eu não sabia*”. E acrescenta: “*- A culpa foi dele. - e aponta o dedo para o outro. - Eu estou assim porque ele me levou a isto.*” E assim, tira o corpo fora. Lamenta tudo o que não conseguiu ser e ainda joga a culpa no outro. Fácil, não?

Então, se lamentar não vale à pena, o que vale?

Diz a sabedoria budista... “*gate, gate paragate*”... Deixe ir o que já foi, atravesse para a outra margem. E, a genialidade de um Guimarães Rosa nos cria um rio, onde há uma terceira margem. Duas margens que contém uma terceira, acima, dentro, no meio, além do bem e do mal. Então, vale à pena lutar para se navegar, essa terceira margem, aquela que significa aventurar-se, viajar rumo ao desconhecido, mergulhar em si mesmo? Compreender-se? Para além do rio, corre outro rio, e cada um leva para uma foz distante, um oceano de mais profundidades que precisam ser mergulhadas. Sopra o vento nas velas e o horizonte se alonga ao infinito. Contudo, “*Não apresse o rio. (Ele corre sozinho)*”, já aconselhava Barry Stevens.

O poeta Fernando Pessoa nos disse: “*tudo vale a pena quando a alma não é pequena*”, aquela que não pretende nenhuma grandiosidade em si. Despojou-se de toda a mesquinharria do mundo. Ou como diria Manoel de

Barros: *“Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei.”* Ou quando afirma: *“Meu fado é de não entender quase tudo. Sobre o nada eu tenho profundidades.”*

Então, a resposta cristalina que me salta aos olhos é a de que, nesta vida, vale à pena lutar para alcançar a sabedoria de ser pequeno por fora, com grandiosidades de dentro. E isso significa lutar por uma vida de poesia. Vale à pena, a poesia de cada dia. Lutar por isso. Olhar para o mundo com olhos de poesia. Como se cada instante estivesse germinando ali naquele momento. Um para sempre que é. Uma eterna dádiva de flor que se abre em pétalas sem questionar o espinho. E perfuma e colore e se balança ao vento. E se multiplica no bico dos pássaros. E se espalha feito pólen, palavra ao vento. E germina mais adiante. E lavra a palavra o verbo criador de tudo. Porque de poesia pode-se morrer todos os dias. E renascer a cada instante. A morte é apenas o outro verso da vida. O avesso que rima eternidade e plenitude. Rio perene.

De tudo o que não sei e de todas as coisas que ainda ignoro, resta-me a incerteza da busca de tudo aquilo que nem preciso encontrar. Pois já está bem aqui, dentro do peito. A centelha, a estrela, o cristal e a chama. Fênix, poesia-pássara a se encandear de luz e silêncio.

Ser poeta, isto sim, vale à pena. E ser poeta é entoar a canção da vida. Como diria Cecília Meireles:

“Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.”

*José de Castro, jornalista, escritor, poeta. Autor de livros para crianças e também para adultos. Escreveu “Apenas palavras” e “Quando chover estrelas”. Membro da SPVA/RN, da UBE/RN e da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil – ALACIB/Mariana. Contato: josedecastro9@gmail.com

“Afinal, pelo que vale realmente lutar nesta vida?”

Lidiane Almeida Silva¹

No latim a palavra vida significa – vita, partindo deste significado acreditamos que vida é um conceito muito amplo possibilitando diversas definições. Pode-se referir ao processo em curso do qual os seres vivos são uma parte; ao espaço de tempo entre a concepção e a morte de um organismo, bem como a condição de uma entidade que nasceu e ainda não morreu; e aquilo que faz com que um ser esteja vivo. Faz-se preciso aqui, buscar também o significado de lutar podendo ser o ato de combater corpo a corpo; disputar uma vitória em relação a outrem; esforçar-se por vencer um obstáculo, atingindo um fim: combater. Frente a isto entende-se que, de fato a vida é realmente um estado que cada ser humano passa na busca de sua realização pessoal, foi realizada uma pesquisa via amigos do *whatsapp* tentando compreender a seguinte questão sugerida neste texto: **“Afinal, pelo que vale realmente lutar nesta vida?”** Foram constatadas muitas inquietações e incertezas nas respostas, foi possível também perceber que serviu como base o questionamento para reflexão, pois vivemos de tal maneira em atividades que requerem muito esforço e tempo permitindo o cansaço, onde não nos damos conta da preciosidade que é a vida e que necessitamos lutar pela mesma.

Seguem aqui as respostas obtidas, houve quem relatou que vale lutar por pior que seja a sua vida é melhor que não viver, lutando para sobreviver e não morrer, lembrando que a vida é uma luta constante, afinal não estamos nela a passeio; Para alguns a vida é maravilhosa, gostosa, tudo de bom, apesar dos problemas e dificuldades, temos que sonhar, pois os sonhos são a força de uma conquista, acreditando-se que todos os sonhos, quando colocados em prática, dão sentido à existência do indivíduo, é necessário lutar pelo que acredita útil para ser feliz, já que a felicidade faz parte do princípio de satisfação pessoal; Lutar pelo que realmente vale a pena ter. Vale ressaltar que grande parte dos pesquisados responderam que a única coisa que vale a pena lutar de fato é pela salvação, ou seja, conseguindo completar a verdadeira vontade de Deus, sendo fiel aos seus projetos para sermos aprovados com garantia do prêmio da bem aventurança, conquistando a vida eterna. Outros afirmaram que é necessário viver intensamente o seu melhor, em momentos singelos, felizes e que nos deixem boas lembranças, ao lado de pessoas que de fato gostamos e que nos querem bem. A busca pela felicidade foi outro ponto bastante referido, dizendo que a mesma só acontece se estivermos conectados com o amor próprio perpassando pela família e os contatos de convivência com os mais próximos que são os amigos; Buscar conquistar os direitos que garantam qualidade de vida, gerando uma sociedade onde a paz seja vivenciada; Pelos nossos ideais, pois a vida é única e exclusiva. Temos poderes fantásticos: dar, construir, colaborar, compartilhar, nos expressar, defender, desfrutar, entre outros, sendo que todos têm o poder de fazer valer a pena.

Em suma vale aqui salientar que este texto foi elaborado com aproximadamente cinquenta contatos via *whatsapp*, estas pessoas têm diferentes segmentos: ateus, espíritas, agnósticos cristãos, dentre outros. Possibilitando aqui uma visão diversificada e ao mesmo tempo compatível com a mesma linha de pensamento em segmentação diferente, fortalecendo as diferentes opiniões tendo como foco o direito de ser feliz, ou seja, na luta dos sonhos, de tudo aquilo que o dinheiro não seja capaz de comprar: a felicidade.

Referencia Bibliográfica

ABREU Caio Fernando. Onde Andará Dulce Veiga? um romance B. São Paulo: Planeta De Agostini, 2003.

CURY, Augusto Jorge. Dez Leis para Ser Feliz: ferramentas para se apaixonar pela vida. Editora Sextante. Rio de Janeiro, 2003.

_____. 12 semanas para mudar uma vida. 9ª reimpressão. Editora Academia de Inteligência. São Paulo, 2007.

_____. Nunca Desista de Seus Sonhos. Rio de Janeiro. Sextante, 2004.

_____. O Vendedor de Sonhos: o chamado. Editora Academia de Inteligência. São Paulo, 2008.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Arnaldo_Jabor

<https://www.dicionariodoaurelio.com/>

Afinal , vale realmente lutar nessa vida?

Desde a nossa concepção, todos nós lutamos para poder existir e coexistir no meio de outras pessoas, para quem vive no Brasil então, é um verdadeiro craque, especialista em lutas titânicas, onde a cada dia constatamos a dificuldade crescente do cidadão brasileiro envergando o prato do sofrimento para todos os cantos.

Somos experientes em todas as vertentes de embate, pois vivemos numa nação onde as pessoas a cada dia perdem os seus direitos básicos, restando-nos somente nos mobilizarmos a cada dia para cada obstáculo.

A nossa saúde não vai bem, educação pior ainda, andamos com medo de tudo e de todos, saímos de casa e não sabemos se voltamos...

O embate é diário e muitas vezes nos perguntamos: - vale a pena lutar nessa vida?

A resposta sai naturalmente, pois não estamos aqui por acaso, todos nós viemos com alguma missão e não podemos nos desmotivar com as nossas batalhas diárias, tem pessoas que possuem muito mais problemas que a gente e cumpre com a sua jornada melhor do que outras que ficam por aí se lamentando.

Não existe nada melhor do que podermos ajudar uma outra pessoa que esteja passando por problemas maiores do que o nosso, além de mudar o foco de nossas vicissitudes, temos uma grande oportunidade de crescer como ser humano e como cidadão.

O importante nessa vida, tão atribulada em todos os aspectos, é que possamos cumprir todas as nossas obrigações com dignidade, amor e principalmente respeito ao próximo sendo solidário no que você puder, pois não estamos aqui por acaso e nós não vamos deixar essa oportunidade de ser um diferencial nessa vida, para sermos um colecionador de lamentações e de fracassos.

Marcelo de Oliveira Souza,iwa

Afinal, pelo o que vale realmente a pena lutar nesta vida?

Bendita profissão essa minha. Seduzida pela insistente tentativa em compreender o comportamento humano, lá vou eu para mais um workshop. Desta vez, o assunto “Senso de bem estar nas políticas públicas”, ministrado em um renomado e elitizado Instituto paulistano.

Depois de um dia trabalho, o cabelo em desalinho, o corpo pede banho e comida decente, sem barrinha sem bateria, só quarta feira e o esmalte já se despede, a promessa quebrada do sapato confortável, mas vamos ouvir sobre bem estar. Daquelas incoerências típicas da profissão.

Saio refletindo sobre educação apreciativa, positiva, bolsa e cabeça pesadas. Ombros? Os anteparos tensos marrons imediatamente ao meu lado? Sim, cá estão.

Paro na “Flor de Lima”, em algum ponto da Consolação. Pense num boteco? Pois pronto! Socorro, solícita, me atende. Duas Tvs, uma na Globo outra na Record. O perfume de lima é substituído por ovo e bacon. Um procurador aposentado, uma mesa de cabistas da Net foi a revelação que permitiu minha senso percepção seletiva.

A pergunta está lá, num quick surdo, cochila num Attari remoto. O que vale realmente a pena... leio o cardápio na parede, prato do dia, virado a paulista. Na outra, o aviso, “fiado só amanhã”. O tempo e seus caprichos linguísticos, amanhã é amanhã de novo. Volto ao cardápio enquanto a pergunta espera a sua vez.

O lanche completo parece uma boa pedida, a premissa “completo” é satisfatória. Acredito que a ausência de completude é a responsável por parte do mal estar psíquico que experienciamos. Nada preenche o vazio. A procura por fechamento, a busca por fórmulas perfeitas, respostas prontas na bula da auto ajuda, são todos comportamentos geradores de ansiedade porque a busca é articulada com a penitência permeada pela promessa. A palavra do momento é foco, o objetivo é a assertividade. É uma surra de existencialismo, senhorxs.

Se diminuo meus quereres pra caber no padrão, despersonalizo. Se visto a capa do “eu posso ser o que eu quiser”, despersonalizo também, algum Mc já explicou: tô bebendo champagne e catando latinha. Caricaturas de mim. Vive-se um tempo estranho onde é possível ter inveja de um atum em lata pelo fato dele ter código de barra, sua vida se explica ali, a minha não. Tivesse eu tal código e teria o prazo de validade datado, e o sentido de oportunidades, a escolha dos projetos de vida, tudo organizado no excell junto a planilha de gastos. Lembra Heidegger, o ser e seus tempos, estamos sós, o ser, o ser em mim, e tals. Já me sinto mais próxima à resposta. O vazio assim permanecerá enquanto a tentativa de preenchimento for com qualquer outra coisa que não seja o Eu.

Vale lutar pelo que é importante para mim, lembrando que o querer é dinâmico e caprichoso. Enquanto eu acreditar que é possível conversar sobre bem estar psíquico e auxiliar na construção desse conhecimento, estará valendo a pena. Preciso acreditar porque se não for assim a luta não fará sentido, ter como função ocupacional compreender a vida do outro não significa tomar o caminho dele como meu. Sem significado íntimo e pessoal saio do protagonismo e vou para a platéia, bocejo e aplaudo o sentido da vida de outro. Assim, narcísica e autêntica, assumindo o que me interessa, e principalmente o que desinteressa, valido minha luta nessa vida, e numa prece perdoo-me por meus querereres.

- Socorro? Fecha a conta, por favor.
- Vixe! Nem ofereci mais nada que eu vi que a senhora tava escrevendo. Senhora quer mais alguma coisa?
- Quero! Me apresentar, prazer, Mirtes! E te fazer uma pergunta.
- Nome diferente né? Pois pergunte se eu souber pra lhe ajudar...
- Socorro, para você, pelo o que vale a pena lutar nessa vida?
- Oxi, desde o dia que nasci que to tentando ficar viva, então é lutar pra viver.

Então com, sem ou apesar do lugar que ocupamos na batalha da vida aqui me despeço de vocês, pois agora eu e Socorro vamos nos conectar empaticamente.

Mirtes Veiga

Psicóloga Clínica e Hospitalar



A LENDÁRIA NÍSIA FLORESTA QUE SE PERDEU NO TEMPO

Rejane Souza

As memórias fertilizaram minha mente ao ver a casa grande, na entrada de Nísia Floresta, onde morava minha tia Maria com seu companheiro José de Oliveira, irmã da minha avó materna Anísia. E a imagem me leva para os trechos de lendas fantásticas e maravilhosas que alimentavam o ambiente bucólico e primitivo daquela região. Morava no distrito de Nísia, onde minha avó paterna Maria Barbosa, de origem boliviana, e meu pai enchiam a minha imaginação de histórias que fundiam ficção com personagens e fatos reais. Eram histórias de lobisomem, dragões de sete línguas, botijas e galinhas dos ovos de ouro, cobras, baús e cidades encantadas. Mas o que me causava mais medo era a história do dragão que vivia em quartos escuros de casas grandes. Esse aprendizado vem de longe. Quando criança, só vinha ao centro de Nísia Floresta em ocasiões especiais, e uma delas era a festa da padroeira Nossa Senhora Do Ó. Carregada por minha avó paterna, uma religiosa fervorosa, vínhamos a pé pela Ilha (um dos caminhos que levava a Nísia Floresta), no finalzinho da tarde. Nesse período, não existia energia elétrica, e o caminho era cheio de armadilhas e fantasias: rios com pontes de tábua movediça, árvores frondosas no caminho, animais soltos, aves em abundância, pequenos riachos. E aquela escuridão natural era um ambiente propício à personificação das histórias que ouvia de meu pai. E assim, a cada movimento da vegetação ou sons de aves, meu coração de criança palpitava e a imaginação tomava corpo. Todavia,

esses medos eram só meus, e o único movimento que fazia era o de segurar firme a mão de minha avó, como forma de proteção. E, assim, chegávamos à casa de tia Maria. Uma casa de muitos quartos. Ia à missa com minha avó e depois retornava para a casa grande pensando na hora de dormir. Minha mente infantil visualizava os quartos fechados e viajava para as histórias dos dragões de sete línguas. E um sentimento apreensivo e curioso tomava conta de mim, porém só dormia com minha avó, pois não conseguia nem pensar ficar em um quarto sozinha naquela casa. Aquele espaço personificava as histórias contadas por meu pai. Pela manhã, após o café regional oferecido por minha tia, eu ia passear pelo sítio: subia nas mangueiras... tomava banho no riacho que cortava a área grande de sítio. E ficava no meio daquela natureza que era cúmplice de meus sonhos e de minha fértil imaginação, e fantasias. Esse pequeno relato é somente um trecho de tantas veredas e lendas que enchem de minha infância. Hoje, o espaço da casa de tia Maria deu lugar a casas de comércio, conjunto residencial e até o restaurante mais tradicional da região. E as lendas e mitos só vivem, agora, em nossas lembranças.

Afinal, pelo que vale realmente a pena se lutar nesta vida?

Simone Caputo Gomes

A pergunta é profunda e leva a rememorar histórias de vida.

E a resposta é fácil: eu luto pela permanência dos amores.

Amores de todo feitio: materno, paterno, fraterno, parceiro, amigo.

E sempre respeitando a vontade do Cosmos. Que às vezes os leva consigo, mas não esmorece o meu amor.

E sobre isto vos relato algumas histórias.

Nasci por luta de meus pais, que haviam perdido um bebê e desejavam ardentemente descendência. Naquela época, anos 1940-1950, não havia métodos revolucionários de fertilidade. Era a tradicional tabelinha ao contrário, conjugada com vitaminas, hormônios e muito amor a guerra que possibilitava gerar filhos.

Como diz minha amada Mãe, fui gerada em noite de lua, com imenso carinho, embora seja lá onde eu estivesse estava bom demais e não tinha nenhuma vontade de cair neste nosso mundinho difícil.

Ademais, que responsabilidade preencher um espaço de desejo tão imenso e intenso! Muito cedo percebi este peso nos ombros... que acabou por ser leve, com o amadurecimento.

O Cosmos tem sua Sabedoria, como hoje consigo entender. Eu seria, mais tarde, uma filha-mãe, com responsabilidade sobre a vida dos pais que me concederam a vida. E aprenderia que o Amor é incondicional e ilimitado...

Perdi meu pai, depois de ajudar minha mãe a cuidar dele por muitos anos, com diabetes, mal de Parkinsons, câncer e cardiopatia inoperável. Seguramos o fio da sua vida o quanto pudemos, de forma espartana, por vezes, controlando sua alimentação e medicamentos... e o melhor de tudo: descobrimos, já com tardança, que ele fugia para um bar próximo para degustar carne de porco, rabada, angu e aqueles tremendos ovos cor de rosa. Viveu como quis, apesar de nossa constante histeria! E, nos almoços de domingo, comia a sua sobremesa diet e depois, gulosamente, pedia um pedacinho da minha, cheia de açúcar. Eu me desmanchava de pena e lhe dava uma colherada, claro!

Perdi também para o câncer o Amor da minha vida, depois de descobri-lo em meio a uma longa amizade (tardiamente, porque recusei seu amor por quatro anos, para hipoteticamente não perder a amizade

maior). Foi o melhor amor do mundo. Quanto tempo perdido!, tive a oportunidade de confessar-lhe e, quatro anos depois, invadiu-me a sensação de uma vida que perdi, ao acompanhar sua agonia ao lado do leito. Lembro o último olhar maroto e sempre menino, quando já não conseguia sequer respirar, sempre cúmplice, para todo o sempre. Meu amor por ele? Permanece, três anos depois de seu encantamento. Os grandes amores, do espírito e do corpo, são assim. Ficam mais bonitos.

Tenho aceitado, enfim, o que as energias cósmicas me reservam e, de forma suave, o amor maior tem suplantado o sofrimento.

Hoje, na reversibilidade do Tempo, sou mãe daquela que me abrigou no útero e protegeu (protege ainda: não vá tarde para casa, filha!) durante toda a sua existência. Ressalvo que ela cuidou de todo mundo, pai, mãe que a abandonou aos quatro anos de idade e voltou aos dezesseis, irmão, filho, sobretudo nas doenças por que passaram. Eu, a única sempre saudável, a protegi quando sofreu uma fratura total da coluna e agora tento protegê-la de tudo, inclusive da iminência da morte. E da minha dependência de sua presença. O universo tem sua Sabedoria.

Tenho a sensação de adiar um Alzheimer que a consome há alguns anos... e que os seus médicos de família não descobriram. Minha mãe está com Alzheimer, eu dizia ano após ano: esquece fatos recentes, muda de humor constantemente, compra cinco sofás quando deseja um, distribui quantias grandes para desconhecidos (estelionatários) que lhe pedem ajuda pelo telefone. Médico e psicanalista retrucavam: ela está ótima para a idade dela.

Uma filha presente sabe quando estas fatalidades acontecem, pesquisa suas causas. E luta pelo seu ente amado. Discordei da ajuda médica habitual e fui à luta.

Busquei ajuda especializada, constatei a síndrome e tentei todas as soluções possíveis que não afetassem muito sua rotina de idosa: morar sozinha, mas com cuidadora revezando comigo todo dia; morar na minha casa com cuidadora, morar na casa de meu irmão, frequentar day-care.

Nada deu certo. Eram pratos quentes de mingau que voavam em cima de mim, objetos arremessados na cabeça das cuidadoras, fugas sorrateiras para a portaria de nossos condomínios (obstadas sempre pelos porteiros avisados), agressividades verbais e comportamentais.

O auge da luta foi interná-la em uma clínica de repouso próxima à minha residência, mas com todo o suporte de enfermagem 24 horas, médica, quarto individual rodeado de seus móveis e pertences, alimentação balanceada, fisioterapia, muito carinho. Quanta culpa, quanto pesar remói, quanto sofrimento! Mesmo sabendo

e entendendo hoje que aquele era o caminho certo, já indicado pelo geriatra.

Hoje, dois anos depois da internação, avalio o quanto ela melhorou. A sociabilidade repartida com doze idosos companheiros (e a maioria em estado mais debilitado), junto com a medicação adequada e o afeto das cuidadoras da clínica e de uma cuidadora exclusiva, sempre aliados à minha atenção diária, a mantêm em equilíbrio estável e ainda com vontade de viver.

Como filha-Mãe, acampo (é o verbo) na clínica e em internações hospitalares até o limite do improvável e faço o impossível (não é exagero), com muita ajuda do Deus maior: contorno péssimos humores em uma pessoa que sempre foi suave, socorro sínopes, curo infecções resistentes com apoio de outros anjos (acabo por ser um arcanjo...), faço todas as vontades do meu bebezão de 89 anos, inclusive aviãozinho na hora das refeições que recusa contantemente. Dou banho, troco sua roupa íntima, coloco para dormir, admirando aquele corpinho bonito (sempre!) que se aninha como feto debaixo das cobertas que lhe aconchego. Beijo muitas vezes, peço a bênção e desejo que durma com Deus. Junto d'Ele velo seu sono, orando para que cada dia dela seja um dia comigo. Mais um dia... mais um dia...

E assim vivo minha vida, com o máximo objetivo de lutar pela permanência destes amores, até quando o destino quiser e até quando eles quiserem.

Meu pai escolheu quando não queria mais sofrer quimioterapia e respeitamos a sua vontade. Ateu, perguntava-me como seria a sua vida depois daquele sofrimento e eu, chorando sem que ele percebesse, explicava que seus antepassados o receberiam num lugar de conforto e paz, comemorando sua passagem para o mundo espiritual. Lembro seu último olhar verde de grande amor que endereçou a meu irmão, que morava distante e foi esperado até o momento derradeiro. Nunca vi um olhar tão bonito!

Já o meu amado, espiritualista, sabia de sua condição e escolheu ir-se acompanhado da família e da minha companhia respeitosa da sua grandiosidade. Despedi-me e parti sem acompanhar as suas exéquias. Deixei-o partir, conservando-o vivo na minha memória.

É certo que vou sofrer demais quando minha Mãe quiser viver outras experiências cósmicas e encantar-se. Mas vou entender que cumpriu magnificamente seu ciclo e me permitiu retribuir-lhe todo o esforço e o amor por me conceder a vida. E que, abandonada pela mãe na tenra infância, pôde ter ao seu lado na velhice a mãe que estou sendo e que, sem ter concebido, realiza plenamente a maternidade universal, desfrutando da sua presença afetuosa e linda.

Recordo uma passagem em que, no auge dos lapsos cruéis do Alzheimer, perguntei-lhe quem eu era.

Fitou-me com vago olhar, confundiu-se, mas logo respondeu: AMOR!

Emocionei-me e ainda me emociono com a cena, pois mamãe foi lúcida na sua alucinação. Sou Amor, sempre serei. Seu amor incondicional e garantido. Sua segurança.

Por uma resposta desta tem valido a pena lutar!



Fotopoema

NEGRO

**São negros! São seus olhos!
De gato negro, de pelos negros
De sete vidas. De vida boa.
A cor de olhos negros
Absorvem minha atenção
Meu olhar não quer outros!
Olhos negros que me condenam
Presa por todos os fios negros
De ser sua gata de cetim negro.**

Clécia Santos





Resenhas



A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA: PERMANÊNCIAS E INOVAÇÕES

Christina Ramalho

Luiz Otávio Oliani, autor de *Fora de órbita* (2007), *Espiral* (2009), *A eternidade dos dias* (2012) e *A vertigem das horas* (2016) em que apresenta ao público sua “poesia solo”, e dos trabalhos *Luiz Otávio Oliani entre-textos* (2013), *Luiz Otávio Oliani entre-textos 2* (2015) e *Luiz Otávio Oliani entre-textos 3* (2016), em que faz sua poesia, ampliando a tendência já observada nos livros anteriores, dialogar com outros poetas, nos apresenta agora uma novidade: *A persistência da memória*. Se a poesia se reinventa constantemente e, por isso, atravessa milênios sempre poderosa na arte de “dizer”, nada mais natural que um poeta, na construção de sua trajetória lírica, busque novos caminhos, inaugure facetas e, com isso, instigue outras reflexões acerca de sua estética. Entre o que é marca residual daquilo que, em seu processo criativo, permanece ou se consolida como sua própria visão sobre o fazer literário e o que se revela novo, porque fruto dessa ânsia de reinvenção, habita a individualidade deste livro. Caminharei por essas duas veredas: o momento em que Oliani é herdeiro de sua própria história e aquele em que cria uma trajetória diferente.

As sete obras anteriores, cada qual à sua maneira, revelaram, entre outras coisas, algumas características do modo Oliani de ver o mundo e de considerar a estética lírica. Vamos a elas: metalinguagem, síntese, poesia substantiva, ausência de pontuação, intertextualidade, crítica social e reflexão filosófica.

Metalinguagem, síntese, poesia substantiva. A poesia de Oliani revela, em boa parte dos poemas contidos em todos os livros, uma aguda consciência da necessidade do trabalho com a palavra. O poema “Criação”, de *Fora de órbita*, por exemplo, concentra, metaforicamente, a visão do poeta acerca do processo de criação lírica: “a boca rascunha recifes/ os dedos olham a solidão// no silêncio/ o poeta pesca/ o que nunca pôs no mar// oferta de palavras/ e não de peixes” (p. 23). O exercício do poetar como uma pescaria mergulhada em silêncio que busca a palavra relembra o que observou Benedito Nunes acerca da poesia de João Cabral de Melo Neto: “O primeiro ponto é a poesia nascendo, em contraposição ao estado de êxtase, à inspiração, de um movimento de ascense, de depuração psicológica e literária, que cria o poema como ‘trabalho de arte’” (*A clave do poético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 33-34). Ou seja,

pescar, não o peixe, mas a palavra é o trabalho do poeta-pescador, que se concentra tanto no que está fora dele quanto no que terá que construir para sair do silêncio e traduzir o mundo.

Já em *A eternidade dos dias*, encontramos versos como os de “COLHEITA”: “lavar as palavras/ para secarem ao sol// este,/ o ofício do poeta:/ cuidar do plantio/ para boa colheita” (p. 52), que ratificam a visão anteriormente expressa. Pescador e lavrador, Oliani usa a metalinguagem para explicitar sua crença no ofício poético, que, sob sua verve, resultará em poemas breves, de versos curtos e visível opção pela síntese substantiva, em que, fora o verbo, outras categorias gramaticais têm espaço restrito. Optando, também, pela ausência de pontuação, a poesia de Oliani parece mesmo querer “nomear” o mundo sem, contudo, fechar as portas para as leituras subjacentes.

Intertextualidade. A trilogia dos *Entre-textos* revela abertamente o gosto de Oliani pela intertextualidade, definindo um “entre-textos” que nada mais é que uma colcha de afinidades, em que ele e cento e vinte e três poetas são costurados por linhas temáticas comuns. Se, no primeiro livro, Oliani retoma poemas de livros anteriores e os coloca em diálogo indireto com quarenta e um poemas de quarenta e um poetas distintos, no *Entre-textos 2* e no *Entre-textos 3* a mesma quantidade de poemas e de poetas é a base para a criação de novos textos, que, dada a referência direta de cada novo poema ao “poema-fonte”, resulta em uma intertextualidade mais viva e explícita. Contudo, também nos outros livros, essa inclinação ao diálogo se faz notar em versos como “espelho, espelho meu,/ há poesia na flor que murmura?” (De “Interrogação da estória”, *Fora de órbita*); “amar, verbo transitivo?/ amar é verbo de ligação/ entre dois sujeitos” (“Lição de português”, *Espiral*); “Do coração partido”, de *A eternidade dos dias*, em que os três primeiros versos são de Astrid Cabral: “o que me espanta/ não é a morte/ mas a vida subvida// entre o prato sem nada/ e as mãos calejadas/ entre o espasmo do dia/ e o sol da liberdade/ entre o grito à garganta/ da independência/ dos bonequinhos de papel”; ou, ainda, “não me descubro/ eu sou muitos/ múltiplo... vário” (“Procura”, de *A vertigem das horas*), em que a consciência de ser plural se irmana da consciência de ser coletivo. O espelho de Oliani, por isso, não reflete apenas múltiplas imagens de si mesmo, mas incorpora incontáveis alteridades com as quais, intertextualmente, se identifica e se contrasta.

Crítica social e reflexão filosófica. Os temas mais recorrentes nas obras de Oliani transitam entre a crítica social e a reflexão filosófica. Esses caminhos menos subjetivos não elidem, contudo, o sujeito. Ao contrário, muitas vezes o eu-lírico, em primeira pessoa, revelará uma voz que não se deseja escondida ou tímida. Temas como a miséria, a exploração do trabalhador, a falta de esperança, o materialismo, o caos urbano, entre outros, ora são contemplados à luz de questionamentos de ordem social, ora são pontes para reflexões mais filosóficas, que buscam respostas para o estar na vida e no mundo. Muitas vezes as duas abordagens chegam a se confundir, como vemos em “Turbulência” (de *Fora de órbita*): “pelas esquinas da cidade/ o caos// o cimento o asfalto/ o escarro dos dias// na turbulência a descoberta: a vida/ tem sete faces”. E tudo isso, porque, como diz “(Des)ego” (*A vertigem das horas*): “pesa em mim/ a dor do outro/ tão minha/ como se/ de mim/ fizesse parte”.

Se as características aqui comentadas configuram a estética de Oliani, nada mais natural que as encontremos em *A persistência da memória*, em que a intertextualidade é logo deflagrada pelo diálogo explícito com a pintura de mesmo título do catalão Salvador Dalí. Os quatro relógios derretidos, a mosca sobre um deles pousada, as formigas, o mar e o penhasco compõem, juntos, os signos surreais com que Dalí captou os sentidos plurais do tempo. Ao dar o mesmo título a seu novo livro, Oliani explicitou o desejo de refletir sobre o mundo a partir do estímulo sinestético e metafóricamente surreal trazido pela pintura. A poesia mantém-se substantiva, a ausência de pontuação é recorrente, os poemas são breves e os versos curtos.

No âmbito da temática, também é possível verificar a permanência da crítica social, ainda que a reflexão filosófica se sobreponha, dada o tempo como elemento norteador do encadeamento dos poemas. O teor metalinguístico também pode ser recolhido de alguns poemas, tal como vemos em “II”: “o livro de poemas/ abençoa quem o lê// a poesia/ traz luz/ a quem vive de trevas”; “IX”: “às vezes/ a palavra/ não descreve/ a rudeza das coisas// às vezes/ a palavra/ é pura segura” ou em “XXII”: “ao buscar respostas/ há o desconhecido// do outro lado da ponte/ vestígios/ resíduos// e é sobre eles/ que o poeta escreve”. Entretanto, menos importante é, agora, a função do poeta, porque outra instância envolvida

na criação rouba a cena: a memória.

Essa própria “persistência da memória” pode ser a causadora da permanência dos traços estilísticos reconhecidos no conjunto da obra lírica de Oliani. Todavia, também como eu disse antes, a poesia se reinventa sempre. E esse livro traz invenções ou surpresas. E agora falo sobre elas.

O hibridismo é, sem dúvida, um dos mais instigantes fenômenos da arte pós-moderna. Na literatura, sentimos esse hibridismo tanto no nível das interpenetrações de gêneros literários passíveis de serem recolhidas de um texto como no nível mesmo da pluralidade de contextos e referências que expandem a intertextualidade. *A persistência da memória* se faz híbrida, em termos de gênero literário, no momento em que Oliani lança mão de um recurso estético até então não explorado por ele: o encadeamento entre os poemas que, numerados com algarismo romanos de I a L, sugerem um percurso narrativo explícito que é ratificado por outro recurso, a saber, o uso do último verso de cada poema (raras vezes do penúltimo), na íntegra, parcialmente ou de forma modificada, como primeiro ou segundo do poema subsequente. Esse encadeamento cumpre bem a função de nos dizer: *A persistência da memória* é um longo poema, composto por cinquenta poemas breves que guardam uma relação de interdependência que exige uma leitura sequencial.

De outro lado, o poema é habitado por personagens como Deus, o homem, o poeta, reis, súditos, o fraco, o faminto, vates, profetas, entre outros. E a essas personagens se relacionam espaços que vão desde o corriqueiro doméstico ao universo sugestivo da Idade Média e do Inferno e Paraíso dantescos. O que “amarra” os poemas é o questionamento existencial que, paulatinamente, soma conceitos, conclusões e imagens metafóricas, para, quase sempre, chegar à negação de respostas definitivas acerca da condição humana submetida tanto ao crivo do tempo quanto às tramas da memória. Dito isso, fica clara a sugestão do épico. Ainda que falte propriamente uma “matéria épica”, constituída pelos planos real e maravilhoso, a ideia de uma “viagem” abstrata está presente e a sugestão do heroísmo humano no enfrentamento da vida como um signo irrefreável da morte também acentuam esse hibridismo entre o lírico e o épico. O diálogo com a pintura de Dalí ainda nos faz lembrar *Trigal com corvos* (2004), de W. J. Solha, cuja feição lírico-épica, presente nos questionamentos filosóficos e estéticos que brotam da relação com a obra de Van Gogh, também é flagrante.

Mas o hibridismo não termina aqui. O “tom” do poema, apontando para uma visão quase niilista dos destinos do homem no mundo, nos remete à elegia, tal como se dá com *La patria insonme* (2012) da mexicana Carmen Boullosa, que, por sua vez, também dialoga com o épico. E a pluralidade de referências expande a intertextualidade do poema, trazendo-nos Pessoa, Drummond, Bandeira, Montale, entre outros.

Para concluir, o foco filosófico na relação memória-tempo-espaço-homem e no papel da palavra poética, em meio ao percurso humano no mundo, flagrado por Dalí e reinventado por Oliani, promove um vaivém constante entre dois diferentes estados de espírito: o que se ampara na palavra como permanência e no silêncio como signo do real despertencimento do homem em relação à vida. Por isso: “naquele lugar/ onde nada existe/ só há espaço para a solidão” (“XXIV”).

Enfim, *A persistência da memória*, por sua inovação estética, torna-se um poema lírico-épico-elegíaco-pictural que nos convida a novos olhares para a obra de Oliani, poeta já maduro, extremamente ciente de sua própria trajetória e um obstinado na busca por uma pescaria/colheita cujos frutos sejam, sem qualquer dúvida, poesia. Por isso:

./...

e, se tudo rui

no desmoronar do corpo,

o que ficará?

num canto da casa

o escritório

a biblioteca

o livro de poemas

(trecho do poema de abertura)

Christina Bielinski Ramalho

Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela UFRJ (2004), com pós-doutorado em Estudos Cabo-verdianos pela USP, e professora de Literaturas de Língua Portuguesa e Estágio Supervisionado na Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana. Autora de diversos livros de crítica e historiografia literária, entre eles, os dois volumes de *História da epopeia brasileira* escrito a quatro mãos, com Anazildo Vasconcelos da Silva, *A cabeça calva de Deus, o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal*, *Dois ensaios sobre poesia*, *Poemas épicos: estratégias de leitura* e *Elas escrevem o épico*.

ESPANCA, Florbela. Livro de “Soror Saudade”. Obras completas de Florbela Espanca (Organização de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva). Lisboa: Estampa, 2012. v. II. 195 p. ISBN 978-972-33-2684-0.

O Livro de “Soror Saudade” é a segunda obra de Florbela Espanca e veio a lume em 1923. A fixação dos poemas, desenvolvida com competência pelos organizadores Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva, por si só talvez já fosse suficiente para garantir seu nicho no mundo da literatura. Mas os ensaios contidos na edição tocam de modo ímpar a quem se interessa por Florbela, visto serem contributos importantes para uma melhor percepção do conjunto destes poemas. Ao reeditar esta obra, os organizadores buscaram valorizar a escritora Florbela mostrando suas propostas de literatura, bem como algumas de suas memórias. Para isso empreenderam uma pesquisa ampla, caracterizada pelo rigor acadêmico, estabelecendo um padrão uniforme e coeso. Por exemplo, nos “Critérios da Edição e da Transcrição dos Textos”, os organizadores tiveram o cuidado de fixar os poemas em bases teóricas a partir de um estudo filológico. O critério de fixação de texto teve como referência “a primeira edição de Livro de “Soror Saudade” (1923), por ter sido impressa em vida da escritora e por ela ter tido, portanto, conhecimento de tal edição” (Alonso; Silva, 79). Buscou-se conservar os poemas, tal como Florbela os escreveu.

Sabemos das diversas edições contemporâneas das obras de Florbela que distorcem sua produção. Para editar uma obra é preciso respeitar o desejo do autor. Seguir com rigor a escrita e o desejo de Florbela foi o objetivo desta edição, começando pela capa, que reproduz uma pintura realizada por seu irmão Apeles, preparada para este livro e que nunca chegou a ser usada. Neste sentido, os organizadores percorreram habilmente os projetos da autora desde o nascimento de suas poesias e contos até às suas reformulações, destacando o vigor conceitual ali contido, buscando sempre a fonte original, comparando manuscritos à edição impressa, avultando notas com versões primárias e/ou inacabadas. Além dos 36 poemas, esta edição apresenta também ensaios com estudos que clarificam o percurso de Florbela. Pesquisadores dedicados à obra da poetisa compartilham seus estudos buscando um mapeamento dos principais eixos e desdobramentos de sua escrita.

Um estudo introdutório é realizado por Cláudia Pazos Alonso, da Universidade de Oxford, no qual propõe uma incursão pelo universo florbeliano apontando as complexidades de sua escrita. Diante de um contexto cultural que não a favorecia, Florbela, lutou por reconhecimento se vestindo e se despindo de máscaras com o objetivo de encarnar sua feminilidade. Cláudia Alonso recorre ao texto de Joan Riviere, psicanalista francesa que desenvolveu o conceito de “mascarada feminina”, no qual ocorre um fenômeno compensatório apresentado por suas pacientes com sucesso intelectual. “No caso de Florbela, a posse de uma masculinidade simbólica pode ser entendida como o resultado de ter entrado no domínio masculino por excelência da poesia” (20). Neste sentido, Florbela utiliza-se das máscaras como disfarces (monja, princesa, musa, charneca mística, freira...). Cláudia Alonso analisa os poemas realizando “um percurso de revisão, subversivamente ensaiado de vários modos...” (29). Muitos momentos em seu roteiro de revisão, entrelaça o pensamento freudiano valorizando o inconsciente e utilizando-se de termos psicanalíticos tais como: superego, sublimação, melancolia, “inquietante estranheza freudiana” (25), com o objetivo de interpretar a escrita da poetisa. Nas palavras da pesquisadora a obra revela um percurso de “agenciamento feminino” (32).

Por seu turno, Derivaldo dos Santos ressalta que o Livro de “Soror Saudade” está isento de classificações rigorosas, pois os poemas apontam várias perspectivas e uma pluralidade de manifestações, não apresentando precisão e unidade. O Livro transmite também a experiência singular de Florbela, pois comparece uma “dimensão subjetiva radicada em toda sua poesia” (36), que não se limita a um texto poético confessional. Ressalta o jogo de máscaras tal como Cláudia Alonso afirma, só que numa outra dimensão, pois Derivaldo interpreta a obra “Sob o signo da tradição mística e religiosa” (39), observando Florbela como persona mística, valorizando seu caráter alegórico para além do sagrado e do profano. Analisa também o Livro “Sob o signo da experiência dionisíaca” (43) salientando na obra de Florbela a emergência da “vertiginosa embriaguês dionisíaca, mundo estranho ao dizer racional de congregação da ordem que põe a vida, os valores e os homens, sob a mira do sério” (44-45). Menciona o poema “O nosso mundo” (115) justificando o princípio da contradição e do prazer, bem como da inquietação de natureza dionisíaca. Ainda “Sob o signo das representações simbólicas do sol” (47) Derivaldo afirma que a obra versa sobre a simbologia do sol, representando este a perfeição e a plenitude. Conclui seu ensaio apontando que a poesia de Florbela “consiste num espaço crispado de vizinhanças díspares, onde desfilam sem reserva representações de um sujeito movido por uma experiência

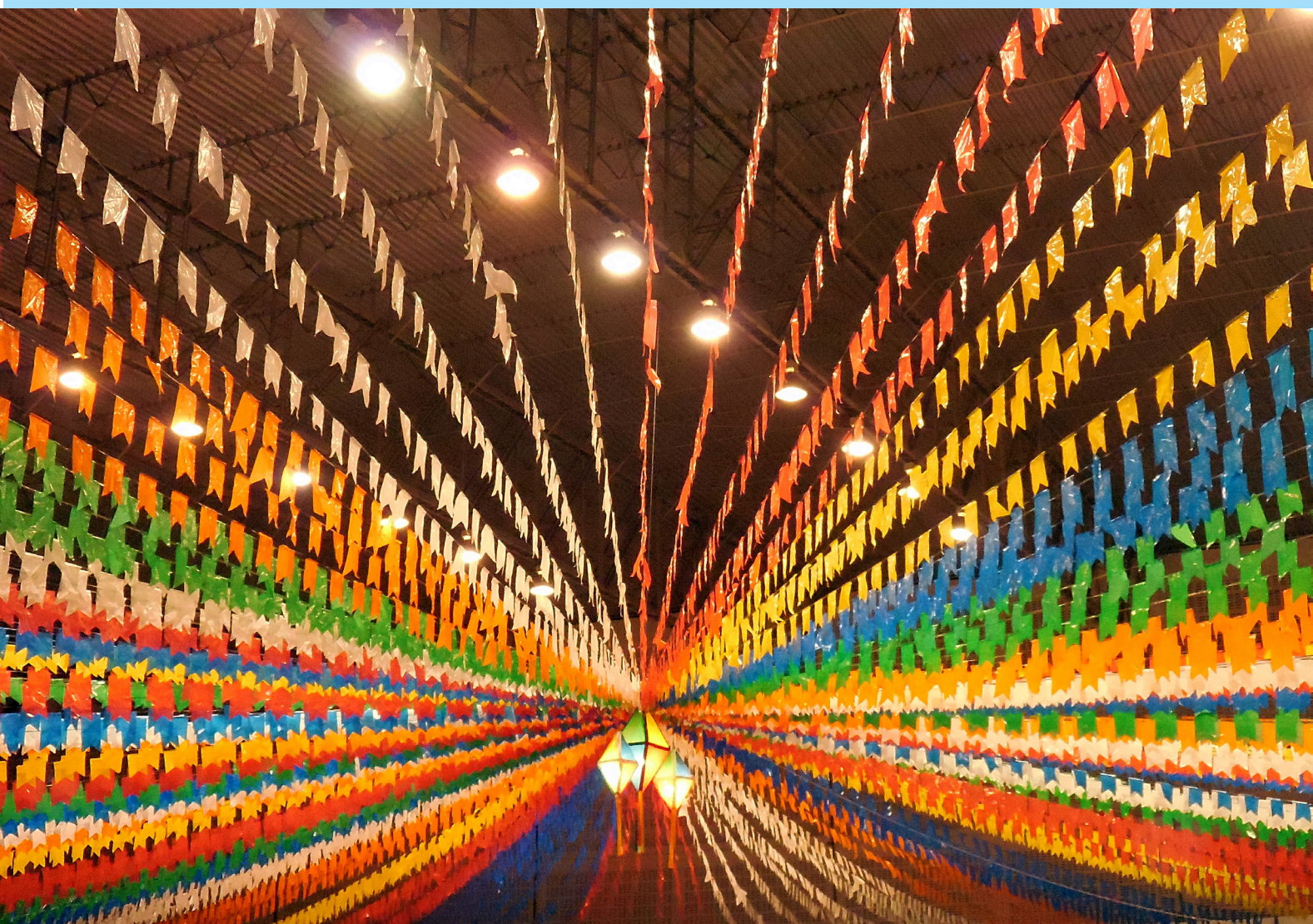
mística e religiosa ante a multiplicidade caótica do mundo, mas sem produzir o sentido da conformação e da legitimação que essa experiência institui” (51-52). Trata-se de uma poesia diversificada, na qual habitam mudanças incessantes com uma grande variedade de representações. Já aos olhos de António Cândido Franco, no Livro de “Soror Saudade”, Florbela bebe nas fontes fecundas do leito poético marcado pela palavra saudade, pois há uma repetição insistente deste lexema. O título do livro já aponta tal saudade e em nove poemas são encontradas referências ao termo. Ao longo do artigo de Franco é destacada uma seleção destes sonetos com objetivo de concluir sua dedução. O pesquisador afirma que Florbela relaciona a saudade ao amor. Trata-se de uma “ansiedade saudosa” ligada à separação do amor: “É a saudade enquanto enfermidade amorosa” (57). Potencializando o “estado saudoso”, ela o eleva ao mais alto grau e chega a uma saudade louca. A saudade se apossa de Florbela “de forma irracional e sem governo do pensamento” (58), ou seja, de maneira inconsciente. António Franco faz assim também uma associação da loucura com a saudade, abordando duas realidades distintas e dissociáveis, mas apontando um veio comum. Há um clamor de saudade ensandecida que arrebatava a poetisa. A saudade louca de Florbela é “... loucura da alma, sem razões fisiológicas imediatas, loucura inspirada pelos deuses na linguagem de Platão” (63). Salienta que há vários gêneros da saudade louca em Florbela e a tipifica como loucura erótica, delírio profético, delírio místico. Analisa o soneto de abertura do livro que é dirigido a Américo Durão “Irmã, Soror Saudade, me chamaste... E na minh’alma o nome iluminou-se” (101) colocando-o no cerne deste delírio místico, reforçando a capacidade de dramatização que Florbela apresenta diante do lexema saudade.

António Franco faz ainda uma leitura comparativa da saudade em “Soror Saudade” e em “Charneca em Flor”, como também aproxima a saudade de Florbela com a saudade de outros poetas (Camões, Pascoaes, Breton...). Finaliza dizendo que o saudosismo em Florbela demarca sua singularidade e tem uma relação com a saudade louca em movimento. O saudosismo florbeliano se afina “com algumas franjas do Modernismo ou deste com ele, e antes de mais a capacidade de antecipar formas alternas de moderno, menos clássicas, menos sujeitas ao desgaste do tempo, como aquelas que se farão sentir nas volutas barrocas do surrealismo” (75).

Por último, a meu ver, no Livro de “Soror Saudade” encontramos a enunciação de um vazio que não cessa de se inscrever. O livro retrata a alma de Florbela sintetizando suas angústias e incertezas. Seus versos trazem um misto de esperança e desencanto formados por significantes e significados que exprimem os dramas da vida traduzindo forte teor de emoção. Os poemas dialogam entre si apontando uma variedade temática na qual comparecem as várias faces que Florbela soube reunir em versos: saudade, ansiedade, mágoa, sensualidade, abandono, pátria, erotismo. Descreve também o amor de forma visceral. Às vezes o amor como desengano, não raro um amor que traria plenitude. “E nunca O encontrei!...Prince Charmant.../Como audaz cavaleiro em velhas lendas/Virá, talvez, nas névoas da manhã! Em toda a nossa vida anda a quimera/Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas.../Nunca se encontra Aquele que se espera!...” (“Prince Charmant...”, 116). Florbela esperava a completude no amor, como aponta o verso. Mas sabemos que isso é impossível, porque nada pode suturar à falta estrutural do sujeito. Justamente por isto, o amor, na função de denegar essa falta estrutural, fracassa. Dos 36 poemas, 16 versam sobre o amor e nestes comparece uma repetição queixosa tecida por afetos que se entrelaçam ao seu próprio fracasso: saudade, desamparo, desespero, tristeza, dor, cinzas, tédio.

Em suma, essa mais recente edição do Livro de “Soror Saudade” cumpre seu destino na transmissão fidedigna e mais fielmente possível da vontade da autora, facilitando a compreensão de quem deseja saber mais sobre Florbela. Sua leitura nos deleita.

Elia Luiza dos Santos Barros. Psicóloga Clínica e Psicanalista. Mestre em Literatura Portuguesa/Pesquisa em Psicanálise. Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Rio de Janeiro-Mestre em Literatura Portuguesa, e integrante do Diretório de Pesquisa “Figurações do Feminino: Florbela Espanca et alii”. (CNPq).



Expediente

Expediente

Revista Barbante
Ano VI - Nº 07 - 12 de março de 2018 - Edição especial
ISSN 2238-1414

Editoras
Rosângela Trajano
Christina Ramalho

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Maria Reilta Dantas Cirino
Shirlene Mafra
Éverton Santos
Filipe Couto
Sylvia Cyntrão

Ilustrações desta edição
Christina Ramalho
Danda

Os textos assinados são de inteira responsabilidade
dos autores.

